

RelevO

Março de 2026 ————— n. 7, a. 16

ISSN 2525-2704

Periódico literário independente feito em
Curitiba-PR desde setembro de 2010



DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS ● R\$ 8.716

R\$ 70 Ismael Alencar; **R\$ 80** Thalita Neres; Marli Voight; Fabio Rocha; Thélío Queiroz Farias; Marcella Lopes Guimarães; Denise da Silva Lipinski Godoi; Ana Carolina Mercês Coura; Rosana da Silva Cuba; Elias Dias; Luiz Rodolfo Annes; Douglas Lambert; Antonio Maranganha; Manuela Trindade Oiticica; Thiago Henrique Nogueira; Maria Clara Campello; Agnaldo Coelho Jorge; Carolina Theodoro; Kácio de Lima Evangelista; João Gabriel de Oliveira Fernandes; Diego Vargas; Nicholas Velten; Bruna Campos; Gabriel Henrique Betto Souza; Jeferson Stelle; Fernanda Dos Reis Jacinto; Leonardo Oliveira Cordeiro; Felipe Durli; Fernando Antônio Fonseca; Ades Nascimento; Júlio Cesar Tauil; MoFo; Paula Giannini; Sidney Abel; Katna Baran; Amanda de Oliveira; Vitória Mitiko Tonooka Ishi; Gustavo Martins; Wellington Bertin Santos; Douglas Lobo; Otto Winck; Guylherme Custódio; Fabio Ogassawara; Rafael Roefero; André Volpato; Juliana Andrade Rangel; Gustavo Rubim; Snider Washington Diniz Marques; Jenifer Bazzi; Betina Juglair; Maritsa Kantikas; **R\$ 96** Juliana de Paiva Teixeira Soares; **R\$ 100** Alisson Coelho; Antonio Carlos Zamarian; Alvaro Posselt; Tarcísio Botelho; **R\$ 120** Reinaldo Silva Bonfim Júnior; Mariana von Hartenthal; Bruno Gréggio; Tamara Soares; Maria Tereza Fornaciari; Maria Eduarda Hernandez Moreira Lima; Edson Ribeirete; **R\$ 160** Aline Frederico; Angelo Menegusso; Lucas Grosso; Rafael Estorilio; Alexandre Dieter Mussiat; Michele Dias dos Santos; Ana Elisa Granziera; **R\$ 170** Livia Woodcock; **R\$ 200** Paulo Lacerda; Rafael Gayer; **R\$ 210** Daniel de Araújo Barbieri; **R\$ 240** Diogo Vinicius Santiago Tavares; **R\$ 250** Rinaldo Batista Pereira; **R\$ 900** Celso Martini.

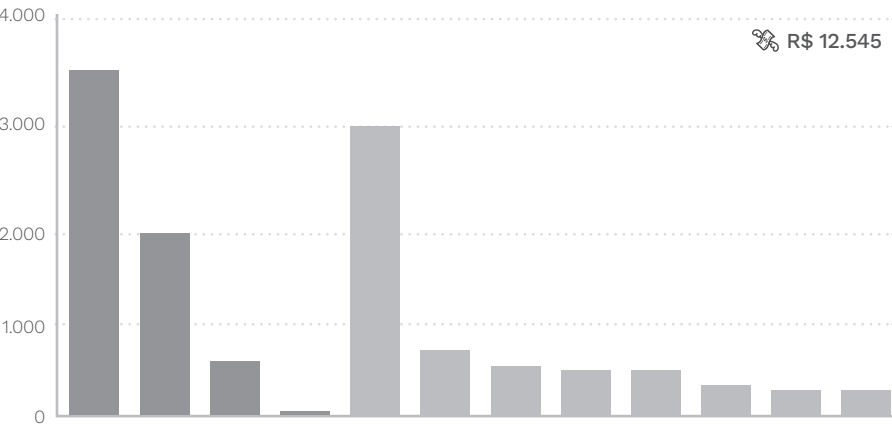
ANUNCIANTES ● R\$ 3.020

R\$ 50 Rede Macuco; **R\$ 100** Grimm Haus; Museu do Livro Esquecido; André Giusti; Alvaro Divardin; **R\$ 120** Banca Tatuí; **R\$ 150** Marcelo Spalding; **R\$ 200** Luis Felipe Mayorga; Flávio Sanso; Hecho por Cami; **R\$ 250** Bruno Inácio; **R\$ 450** Maniacs; **R\$ 500** Silas Corrêa Leite; Fauno Mendonça.

CONSULTORIAS ● R\$ 1.000

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMI. E VARIÁVEIS ●		CUSTOS FIXOS ●		
Correios R\$ 3.435	Transporte R\$ 600	Gráfica R\$ 3.000	Editor-assistente R\$ 450	Serviços editoriais R\$ 250
Papelaria R\$ 2.000	Domínio mensal R\$ 50	Mídias sociais R\$ 650	Serviços gráficos R\$ 450	Serviços logísticos R\$ 250
		Colaboradores de fevereiro R\$ 480	Escritório R\$ 300	Editor-executivo R\$ 0



GARÇOM, PODE TRAZER A CONTA

- + Entradas totais: R\$ 12.736
- Saídas totais: R\$ 12.545
- = Resultado operacional: R\$ 191



EXPEDIENTE

Março 2026



Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Priscila Branco
Revisão Às Vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Logística Damaris Pedro
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 5.000

NESTA EDIÇÃO

L. C. Marinho *p.6* Lucas Grosso *p.9* Flávia Figueirêdo *p.16* Miguel de Unamuno (Tradução de Demian Gonçalves Silva) *p.19* Betina Juglair *p.21* Fernanda Young e Madonna *contracapa*

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau



Edição finalizada em 26 de fevereiro de 2026.

DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Luiz Rodolfo Annes. Você pode conhecer mais do trabalho dele em luizrodolfoannesart.tumblr.com. As charges são de Elias Dias.

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a Hyperlegible Sans, criada pelo designer texano Matthew Stephens.

ASSINE / ANUNCIE

O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.



PUBLIQUE

O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.





CARTAS

ALTOS E BAIXOS

Domingos Pellegrini

Sonhim

Eu tenho um sonho bem pequenininho: jornais com letras maiorzinhas, elas que enfileiradas são nosso caminho tanto pra haicais quanto para epopeias

Nada anormal, só letras maiorzinhas pra poder ler sem procurar janelas ler no banheiro ou mesmo na cozinha ou mesmo à luz medieval de velas

Dirão: mas que sujeito obsoleto! Por que não vai ao oftalmologista? Quer aumentar os custos tolamente!

E é um idiota ainda a fazer sonetos... Então em vez de um exame de vista devia examinar a própria mente!

Sonhão

Entretanto contudo todavia me boto nos meus brios e decido lutar com as armas do dia a dia: o bom senso e o bom-gosto — e convindo

para uma viagem transtopia a mundo sempre mais envelhecido condenado a crescente miopia como entre cataratas tão perdido

Mas é questão de tempo para todos se nunca tantos envelharão tanto... Então por que não desde já bons modos?

Quem sabe aumentando pouquim as letras não virá a causar um grande espanto aumentarem leitores e receita?

(Incomaldado com a pequenura das letras do **Relevo**, sugiro aumentar as letras ao menos nas Cartas, aumentando porém seu espaço, pois deve ser a seção mais lida como já mostrava *O Pasquim*).

Eduardo Martínez • Boa noite! Qual é a linha editorial de vocês? É que já li algumas edições e não consegui perceber o quão diferente sou da linha editorial de vocês. Obviamente que não precisam responder isso. Sucesso! Forte abraço!

Marcelo Eduardo de Oliveira • Agradeço a atenção e o tempo no envio da recusa ao meu texto. Já acompanho o trabalho de vocês e continuarei a acompanhar. Escrevi um livro, *Epílogo, o livro sem leitores*, portanto a recusa se enquadra no meu projeto e o justifica coerentemente. Abraços fraternais e parabéns pelo trabalho resiliente e brilhante. Grato!

Sheila Dálio • Olá, boa tarde! Não, não me interesse em receber o material do Jornal [de cortesia para aqueles que foram recusados pelo Conselho Editorial]. Obrigada pelo retorno.

OLHA ESSA FERA AWARDS

César dos Anjos • Boa noite. Eu vos desculpo pela demora de um ano pra responder, mesmo tendo vocês o compromisso de até 30 dias para uma resposta. Já nem lembrava mais disto, apesar de ter tudo registrado. Por isso mesmo, por essa falta de profissionalismo, não desejaria ter meu trabalho literário associado a esse Jornal. Atenciosamente.

Da redação: César, nós não temos compromisso nenhum contigo. 30 dias era uma estimativa de entrega de devolutivas, inclusive, aumentamos, no ano passado, para 120 dias por conta de atrasos. Se você conhecesse mais do nosso projeto e não apenas do seu umbigo associativo, saberia que somos uma equipe enxuta e de um periódico independente. Obrigada.

Maíra Valério • Oi, Jornal! Obrigada pela devolutiva! Na realidade, este texto não tem a ver mesmo com vocês, desculpem-me por tomar o tempo. Acabei publicando ele no *Le Monde*. Eu tinha enviado uns poemas também, que na época eram inéditos, mas agora publiquei um livro com eles, então não sei mais se vai dar também kkkkk. Uma hora eu consigo, força, foco e fé. Não precisa me enviar uma edição, sei como é chato ir aos Correios e eu sempre pego a minha no café Los Baristas, que é do lado do meu trabalho! Beijós.

MARKETING APRIMORÁVEL

Guilherme Bolicenha • Ao analisar a presença online da sua empresa, notei que há oportunidades de melhoria no marketing. Gostaria de agendar uma conversa rápida, por vídeo ou ligação, para entender melhor como vocês trabalham hoje e ver se faz sentido ajudar. Você é a pessoa responsável por esse tema por aí? Caso não seja, poderia me indicar quem é? Podemos conversar ainda esta semana?

Tamara Soares • Oi, gente! Primeiramente: renovei a assinatura, aproveitei e mudei para a opção de 120 (não lembro agora o nome). Eu tentei fazer isso em janeiro, mas igual ao Jornal, acabei no vermelho e não deu. Mas agora consegui pagar mais um ano e estou bem feliz. Também converti alguns assinantes ano passado! Curiosidade: visitei o Museu do Livro Esquecido e peguei o exemplar de janeiro por lá, porque o meu atrasou muito. Mas aí minha gata derrubou água nele, e eu tive que deixar secando. No dia que secou, o meu exemplar chegou. Agora tenho dois exemplares de janeiro, pensei em recortar as ilustrações porque elas são muito belas, mas me senti um pouco mal quanto a isso. Ainda não decidi o que fazer. Enfim, um bom ano pra gente!

Leonardo Oliveira • Reativei a minha assinatura. Tava fazendo falta um RelevO aqui em casa.

Eyrimar Fabiano Bortot • Adorei a prestação de contas do Jornal. Quase uma poética da honestidade em tempos de pura picaretagem. Parabéns.

RELEVO FAKE NEWS

Mariana Pohl • Oi, Jornal! Então não teremos uma matéria mais extensa sobre o Marcos Passo Furo? Realmente,

me intriguei com essa do Jornalista Que Não Pensa em Abandonar o Jornalismo.

Diego Sousa • Agradeço o reenvio dos exemplares de dezembro e janeiro. Hoje, dia 12 de fevereiro, às 15h45 de 2026 recebi o envelope postado em 01/12/2025 às 12h16. São exatamente 2 meses, 10 dias e 3h e 29 min para os Correios entregarem meu exemplar de dezembro, edição 200! Acho que temos um recorde. Desafio outro leitor que tenha esperado e recebido por mais tempo seu exemplar de RelevO. Não queria passar despercebido. Já tinha dado com extraviado. Bom que agora tenho um segundo exemplar pra distribuir pra algum amigo, conhecido ou largar estrategicamente por aí esperando um novo leitor. Abraços!

Eduardo Waack • Caros amigos do RelevO, agradeço mais esta edição, que será lida com muito entusiasmo. Sou admirador de suas propostas, mensagens e artigos, sempre oportunos. Em união fraterna.

CENTRAIS DE FEVEREIRO

Sara Reis • Não aguentei no “lead” de *Casa dos Espíritos: Fantástico Visto de Cima*, “uma verdadeira latino-americana chamada Eréndira (Jennifer Lopez)”.

Juliana Vilela • O ano só começa depois do Carnaval e o mês só começa quando o RelevO chega aqui em casa.

Marina Fanchin • Incrível o Jornal de vocês. Já tenho um exemplar em mãos e estou hipnotizada pelas ilustrações.

Fernanda Bloom • Eu demorei uns meses para assinar aqui porque realmente achei que era um erro de leitura meu o valor ser anual. Então, quando finalmente exerci minha civilidade cristã e acreditei... nem acredito quando chega o papel pardo na caixa do correio, ha! Divertidíssimo, valeu!

Matheus Florio • O jornal mais imundo do brasil 🐣

REPTILIANOS

Cristina Santana • Tô pensando em assinar, mas confesso que não gosto dos desenhos de répteis rs, mas acho o projeto maravilhoso, tenho vontade de ler. Não gosto de nada de lagartos, sapos, sei que é o conceito de vocês e respeito, mas, infelizmente, eu não gosto mesmo, e fico pensando na sensação de receber, abrir e vê-los. Foi mal rs. É um trabalho de resistência e arte incríveis.





EDITORIAL

Contra os catalisadores de consensos

Um jornal de papel não se esgota no processo de edição → impressão → distribuição. A partir de sua materialidade, cria-se um campo de forças ao seu redor — o que repetimos, quase à exaustão, como justificativa para nunca cogitarmos a via digital como solução para as intempéries financeiras e existenciais. Somos, em grande medida, aquilo que construímos com os leitores que nos folheiam, que nos encontram por mais de 400 espaços culturais espalhados pelo Brasil (e, agora, timidamente na Argentina, no Uruguai e na Colômbia).

Do papel às mãos, somos o resultado um tanto intangível das conversas emergentes depois da leitura, das discordâncias acumuladas nas cartas publicadas, das afinidades inesperadas que aparecem ao fim de uma leitura do texto de um autor desconhecido. No RelevO, a relação com quem lê não é um apêndice simpático do projeto editorial, e sim parte estrutural daquilo que decidimos publicar, do modo como escolhemos publicar e do ritmo que sustentamos ao longo do tempo.

Falar em comunidade não é recorrer a uma palavra desgastada para dar verniz afetivo a um produto cultural — algo, aliás, que qualquer *rebranding* poderia promover para nos lustrar. Temos uma rede concreta de leitores que acompanham o Jornal com atenção, que criticam quando necessário, que indicam textos, que escrevem mensagens extensas, que fazem observações minuciosas sobre uma vírgula fora do lugar ou um conceito mal resolvido.

O RelevO tem ombudsman e, se você acompanhou a treta do uso de IA em uma coluna recente da *Folha de S. Paulo*, saiba que isso só foi possível porque o periódico tem uma representante dos leitores por lá (desde 1989). Por aqui, temos desde 2014, ou seja, são 12 anos com alguém de fora da redação colocando as nossas edições sob escrutínio.

Ter uma ombudsman significa, antes de tudo, que não somos catalisadores de consenso. Atualmente, mais que antes, observamos uma busca das marcas por acomodar o próprio público em um conceito confortável, quase um convite para sentar-se no sofá de modo passivo. Convenhamos que, se você compra uma garrafinha d'água, talvez não esteja procurando uma experiência intensa. Mas a lógica de produtos culturais não deveria ser a repetição de agradabilidades.

Há algo de profundamente triste na ânsia por concordância, como se a harmonia compulsória fosse um anestésico social aplicado para impedir o atrito criativo, o desconforto, a fricção que pode gerar ideias incômodas. Os catalisadores de consensos operam como engenheiros da neutralização, transformando conflitos em acordos mornos, convertendo divergências em frases redondas e aceitáveis, dissolvendo a complexidade em slogans palatáveis. É a construção de uma geração de cabeças de internet. Contra eles, precisamos afirmar a dignidade do dissenso, a coragem de sustentar uma opinião que não cabe em enquete, que não se curva à média. Porque onde todos concordam

rápido demais, algo foi deixado de lado, e talvez seja justamente esse ruído abafado que carregava a única possibilidade real de diferenciação.

Existe, nesse processo, uma tensão inevitável entre acolhimento e incômodo. O Jornal pode ser espaço não só de identificação, mas também de ruído. Pode confortar e, ao mesmo tempo, deslocar. Não aspiramos à neutralidade complacente nem à unanimidade fácil. Quando reduzida a terreno de concordâncias previsíveis, a literatura perde potência, vigor, torna-se uma cama abaulada. Preferimos o risco do desacordo à segurança da aprovação automática.

Essa relação nos importa porque, como afirmamos antes, a literatura não circula sozinha. Um jornal literário não existe apenas pela soma dos textos que publica, mas pela qualidade da leitura que provoca. Sem leitura ativa, sem conversa, sem o mínimo de tensão e continuidade, o papel vira apenas objeto, garrafinha d'água. O texto precisa atravessar o leitor, gerar resposta, provocar conversa, ainda que para discordar frontalmente.

No fim, essa circulação constante sustenta um projeto que nasce a cada 30 dias. O que publicamos ganha sentido quando sai da página e entra na experiência cotidiana de quem lê. Um impresso só permanece importante para seu entorno quando aceita o conflito como parte do diálogo e entende que a leitura é menos um ato de concordância e mais um gesto de envolvimento.

Uma boa leitura a todos. ®



APOIADORES



BANCA TATUI

bancatatu.com.br / Desenho por Ângela León



Nostalgia

Sebo e Livraria

@nostalgiaselivraria
Cacoal-RO

**você tem
um livro de poesia?**

**nós temos
seus leitores**

envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fázia Poesia



Chacoalhando a bússola do Brasil

Priscila Branco

Sabe a História da Literatura Brasileira? Aquela que costuma ser canonizada e considerada o único caminho possível de leitura de nosso país? Pois é, essa mesma. Ela é apenas uma entre múltiplas histórias, mas ocupa a maior parte dos compêndios literários usados em escolas e universidades. Nasce de um lugar específico (o Sudeste) e carrega traços masculinos, brancos e heterossexuais.

Enquanto isso, à margem desse centro inventado por quem detém algum tipo de poder, sempre houve movimentos e pessoas criando outras narrativas, resistindo ao senso comum e ao próprio fluxo do capitalismo. Nos anos 1970 e 1980, quando pensamos na literatura produzida no período, lembramos da Geração Mimeógrafo, uma galera que escrevia principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nada contra esses poetas, viu? Sou fã de carteirinha de Ana Cristina Cesar e acho a antologia *26 poetas hoje*, organizada pela Heloisa Teixeira em 1976, interessantíssima. Porém, pouco se fala sobre o movimento editorial e cultural Edições Pirata, que abalou o circuito independente do país no final dos anos 1970 e início dos 1980, partindo de Pernambuco. Com o desejo de publicar de forma independente, sobretudo autores do Nordeste, a Pirata colocou no mundo por volta de 300 livros, por meio de vaquinhas (e a gente achando que o financiamento

coletivo foi inventado pela internet) e lançamentos coletivos (já sabemos de onde a Flip tirou algumas ideias).

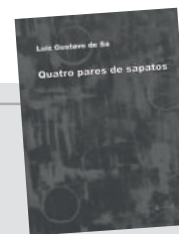
Outros exemplos são a antologia *Palavra de mulher*, organizada por Maria de Lourdes Hortas, em 1979, com 45 poetisas mulheres do país todo, principalmente nordestinas, ou o movimento Poetas na Praça, que reunia, no final dos anos 1970, muitos poetas em torno da Praça da Piedade, em Salvador. Além desses, existem muitos movimentos, coletivos e organizações literárias que vão criando múltiplas Histórias da Literatura Brasileira.

Ainda hoje é fundamental que escrevamos outras histórias. E é impressionante o fato de o RelevO ter distribuição em todas as regiões do país, sendo um jornal independente, e alcançar quase todos os estados brasileiros, quando pensamos na profunda desigualdade de oportunidades que existe entre o Norte e o Sudeste. Sim, os Correios têm, indubitavelmente, atrapalhado e atrasado a chegada do jornal a muitos leitores, como temos visto em algumas cartas e reclamações. Enquanto escrevo este texto, meu jornal físico de fevereiro ainda não chegou aqui em casa; fiz a leitura pela versão digital. Mas, afinal, por que a pressa? Não estamos falando de um jornal pronto para o consumo de notícias, e sim de circulação de literatura viva, de oportunidade para autores contemporâneos, de construção de memória,

de independência política e de afeto entre escritores, editores e leitores. O tempo da literatura e da leitura não deve ser o mesmo do capital!

É emocionante ler os relatos sobre pontos de distribuição de todo o país. Por exemplo, na edição de janeiro, tivemos a carta do Nostalgia Sebo e Livraria, de Rondônia, ou leitores encontrando o jornal em bibliotecas públicas e livrarias de forma gratuita. Também é bonito demais quando descobrimos novos autores ao acompanhar a curadoria de textos de cada edição. Falando nisso, fica como sugestão pro editor: que tal incluir uma minibiografia de cada autor publicado, com algumas informações básicas? Estado ou cidade de origem, ano de nascimento, rede social. Vamos facilitar a vida dos pesquisadores futuros, editorial? Essa sugestão não trata apenas de um detalhe, mas de rastros fundamentais para a construção de arquivo (como comentei na coluna da edição passada).

Termino este texto convocando você, leitor, a espalhar ainda mais o RelevO por aí: fale dele em rodas de amigos, compartilhe as publicações no seu Instagram, dê o jornal para alguém legal. Fazer as iniciativas literárias independentes circularem pelo país depende um pouco de todos nós, ainda mais quando pensamos em formas de ler e escrever coletivas e muito, muito humanas.



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadriharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

Entre margens, linhas e espaços em branco, a ideia se imprime.



- Diagramação editorial
- Redes sociais
- Eventos



voe.comunicacao

voecomunicacao.com.br

Editora
Littera lux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de 1.700 títulos
publicados desde 2012



Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



**BONS
VENTOS
traZem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOINHOS
.COM.BR

@EDITORAMOINHOS



Cada pessoa envelhece de um jeito.

Nutrição no envelhecimento.

Karla Baptista • Nutricionista
CRN-8 15569
www.nutridoidoso.com.br
(41) 98402-3822



Praça República Juliana, 153
Laguna-SC

GRIMM HAUS
SEBO & LIVRARIA

Ler nos transporta.

COMPRA | VENDA | TROCA

LIVROS VINIS

CONFIRA NOSSO ACERVO NA
ESTANTE VIRTUAL

(41) 98897-2077 SEBOGRIMMHAUS

R. MAUÁ, 29 | LOJA 5 | ALTO DA GLÓRIA
CURITIBA/PR

A Gênese do Frango

[Nota: Nenhum frango foi torturado para a produção deste pasquim.]

No início, nada havia. Havia apenas o Grande Galo que morava no Céu, ao lado da galáxia Cocoricáciens e ficava brincando de ligar e desligar a luz, num jogo que mais tarde conheceríamos como Dia e Noite.

Numa dessas, Ele, o Grande Galo, olhou a planície de Galíneas no planeta Franganar e achou-a muito feia. Fazendo uso de seu poder, Ele, o Grande Galo, pronunciou as palavras cabalísticas “Fiat Milhum” — e o milho se fez. “Fiat Jerimum” — e a abóbora se fez. “Fiat Macaxerum” — e a mandioca se fez. E, para manter o equilíbrio do universo, “Fiat Demonium” — e a minhoca se fez. A cada vez que pronunciava as frases cabalísticas, soprava a feia poeira e nela se concretizava o milagre. Porém, a feia poeira, talvez sedenta de vingança ou não suportando mais o complexo de feiura, se meteu pelas narinas do Grande Galo. Ele, o Grande Galo, sentiu crescer a coceirinha e a vontade gostosa de espirrar.

— Ah.... ah..... atí...chunnnssssssss
Deu um espirro do tamanho de sua deidade.

Com espanto percebeu que, de seu “atchin”, nasceu um ser que tinha nada a ver com frases cabalísticas ou disputas vingativas. Ali, no meio da poeira, estava um frango, “O” frango. Tal frango, galo já em adolescência, longe de se espantar com o milagre do nascimento, se meteu pelo milharal comendo espigas uma atrás da outra. E bicou milho e bicou jerimum e bicou macaxeira, até se sentir empanzinado. Então, recostou-se numa pedra ostentando um sorriso de felicidade e barriga cheia.

O Grande Galo, quando viu aquilo, pensou “Xi! Começou mal, o mundo...”. De qualquer modo — falou —, já que

tá, que fique. E voltou a brincar de Dia e Noite.

Só de vez em quando o Grande Galo visitava o paraíso que o frango já avacalhara de início. Numa dessas passagens, vendo o frango no bem-bom, pensou: “esse frango tá de sacanagem! Tá que come, tá que dorme e tá que engorda. Isso não tá certo. Mas tá...: vou pensar num jeito de consertar isto”.

Numa outra passagem, o Grande Galo percebeu que, estranhamente, o frango estava ciscando triste, triste. E entre uma e outra ciscada, dava suspiros capazes de enternecer pedras. O Grande Galo, matutando empoleirado, decifrou o enigma: “o franguinho tá se sentindo solitário! É minha chance de vingança. Vou fazer o trouxa pensar que estou ajudando-o...”.

Assim, apesar de haver ligado a luz há pouco, resolveu desligá-la.

O frango, quando percebeu a noite, afetadamente disse a si mesmo: — Oh...! Mal acordei e já é noite! Vou dormir de novo.

Assim disse o frango e assim fez: dormiu.

O Grande Galo aproximou-se, asoprou lentamente o entorno — o que fez o frango ainda mais profundamente dormir. E enquanto este roncava, o Grande Galo cortou um pedaço do pinto dele, jogou na poeira e enunciou “Fiat Frangae”. E fez-se a franga.

[Nota do editor: É por isso que até hoje o pinto do frango é pequeninho].

Quando acordou, o frango viu a franga e gritou:

— Êba! Gegê atendeu minhas preces!

E a franga:

— Quem é Gegê?

— É o Grande Galo que mora lá no céu, perto da galáxia Cocoricáciens e... Deixa pra lá... Vem aqui, minha gostosa. Vou te ensinar como é que a gente faz franguinho.

— Vou, nada. Tu é muito é do sa-fado! Eu vou é comer — e saiu em desabalada carreira milharal adentro.

— Cazzo! Já começou mal esse papo de casal. E agora? Vou atrás dela? Ou não vou? Vou? Ou não vou? Se eu for, ela vai me achar submisso. Se eu não for, a vagabunda é bem capaz de dar bola pra outro... Certo, não tem “outro” por aqui, mas... sei lá!

Enquanto o frango estava em dilema existencial, a franga papava milho, até que encontrou a minhoca, muito insinuante e querendo avacalhar ainda mais o paraíso. Chamou a franga:

— Vem aqui, minha linda. Não precisa ter medo. Tenho uma coisa aqui que vai fazer você curtir o maior barato.

A franga estava sedenta de conhecimento e aventuras:

— Uau! E que coisa é essa, meu?

— Chama-se MariJane... Aí, eu te vendo, tu pega e enrola o bichinho numa seda pura, acende e viaja.

— Pô, meu. Tenho grana, não.

— Relaxa... Vai “di-grátis”. Se tu gostar, tu me consegue uns compradores e tua parte continua “di-grátis”. Topas?

— Demorô! Dá aí o bagulho!

A minhoca deixou a franga ficar viajandona e emendou:

— Se tu quer mais, tem que me descolar um “óta” pra render grana.

[Nota do editor: foi assim que os traficantes aprenderam a cooptar os mulas].

— “Óta”?

— É...: um otário.

— Mole, mole... É só me seguir.

Levantou-se a franga e foi levar a minhoca para o lugar onde estava o frango.

O frango continuava no dilema existencial, até que resolveu:

— Tá decidido! Vou atrás dela e já vou chegar dando porrada, que é pra ela saber quem manda.

Antes que o frango se levantasse, a franga chegou:



L. C. Marinho

— Oi... Trouxe um amigo, digo, uma amiga pra você conhecer.

Assim dizendo, a franga apresentou a minhoca. O frango, puto da vida, nem pensou: engoliu a minhoca.

A franga se revoltou:

— Pô! Tu é ruim de transa! Minha amizadinha aí tinha um lance legal pra cabeça.

— E o que seria?

— Sei lá... Um troço chamado Maria Joana ou Marijuana, sei lá!

— Azar... Já comi. Nunca vou saber o que é essa porra.

— Ou vai... Sobrou uma “guimba” aqui.

A franga acendeu a dita guimba, deu um-dois e passou para o frango, que puxou de “com força” e começou a tossir. Sua tosse chamou a atenção do Grande Galo, que quis saber o porquê.

— A franga me deu da erva estranha pra provar.

— Você é muito do sem-vergonha, não, frango? — arrematou o Grande Galo.

— Aí! Me ofendeu!

— Ofendi e ofendo. Te dei casa, comida e “comida”. E você só faz avacalhar o ambiente. Quer saber? Tô contigo por aqui.

E mostrou por gestos que estava de saco cheio.

O frango se emputeceu:

— Quer saber? Vá se foder... Enfia no rabo essa porra de paraíso.

Grande Galo se emputeceu ainda mais:

— Você tá expulso do paraíso. Sai daqui, seu filho da puta!

— Mas... eu não posso ser filho da puta: eu não tenho mãe, já esqueceu, Gegê?

— Gegê?!!!!!!!

— É...: Gegê..., o Grande Galo.

O Grande Galo falou palavrões em

tantas línguas que até hoje alguns não têm tradução. O frango, quando viu o rebosteio, se mandou no maior pique. A franga foi atrás. Mesmo na corrida, a franga ia dando toques:

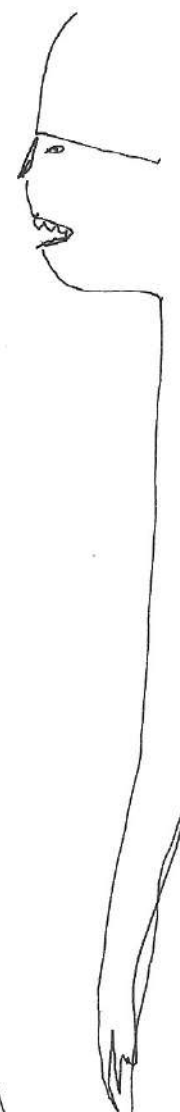
— Relaxa, frango. Agora que a minhoca já era, a gente dá um jeito e pega o controle da boca.

— Quero é distância de ti — respondeu o frango. E desapareceu correndo mundo afora.

Foi assim que começou a saga.

Dizem que o Grande Galo, desacomodado, se desarvorou. Virou pavão e se exibiu durante muito tempo no zoológico particular do falecido Michael Jackson, em NeverLand. Depois virou personagem de folhetim de quinta categoria. Quanto ao frango, dizem que, para fugir da franga, atravessou a estrada... Mas há controvérsias.

BRASIL





Biografia

Lucas Grosso

escrever
é principalmente
juntar palavras que soam bem
e causem no instagram
para passar uma mensagem
que mude sua forma de pensar a vida
mesmo que seja apenas por cinco minutos

claro que alguém pode usar palavras difíceis
e citar o *estado da arte*
a profusão de emoções e sentimentos
e outras coisas *belas e nobres* que
a maioria das pessoas
francamente
não se importa

isso também aparece no poema
mas não é o principal
para quem escreve

a vida e o sentimento não cabem
nas palavras
da mesma forma que todas as fotos e textos
que às vezes alguém salva
num hd externo
não significam muita coisa
além de ser um monte de imagens e sons

o que significa 10 tbs
no sistema métrico
ou na cronologia da história natural da terra?

porém
as palavras soltas também são vazias

palavras como
megalodonte
saudades
ou *raiva do sistema patriarcal eurocêntrico*
provavelmente
não significam nada
se você não for a presa de um tubarão gigante
se você não sente falta de algo que aconteceu no passado
mas não acontece mais
ou se você não é humilhado por homens brancos ingleses ou franceses
que desprezam e odeiam pessoas que não sejam
homens brancos ingleses ou franceses

por isso eu repito

escrever
é principalmente
juntar palavras que soam bem
e causem no instagram
para passar uma mensagem
que mude sua forma de pensar a vida
mesmo que seja apenas por cinco minutos

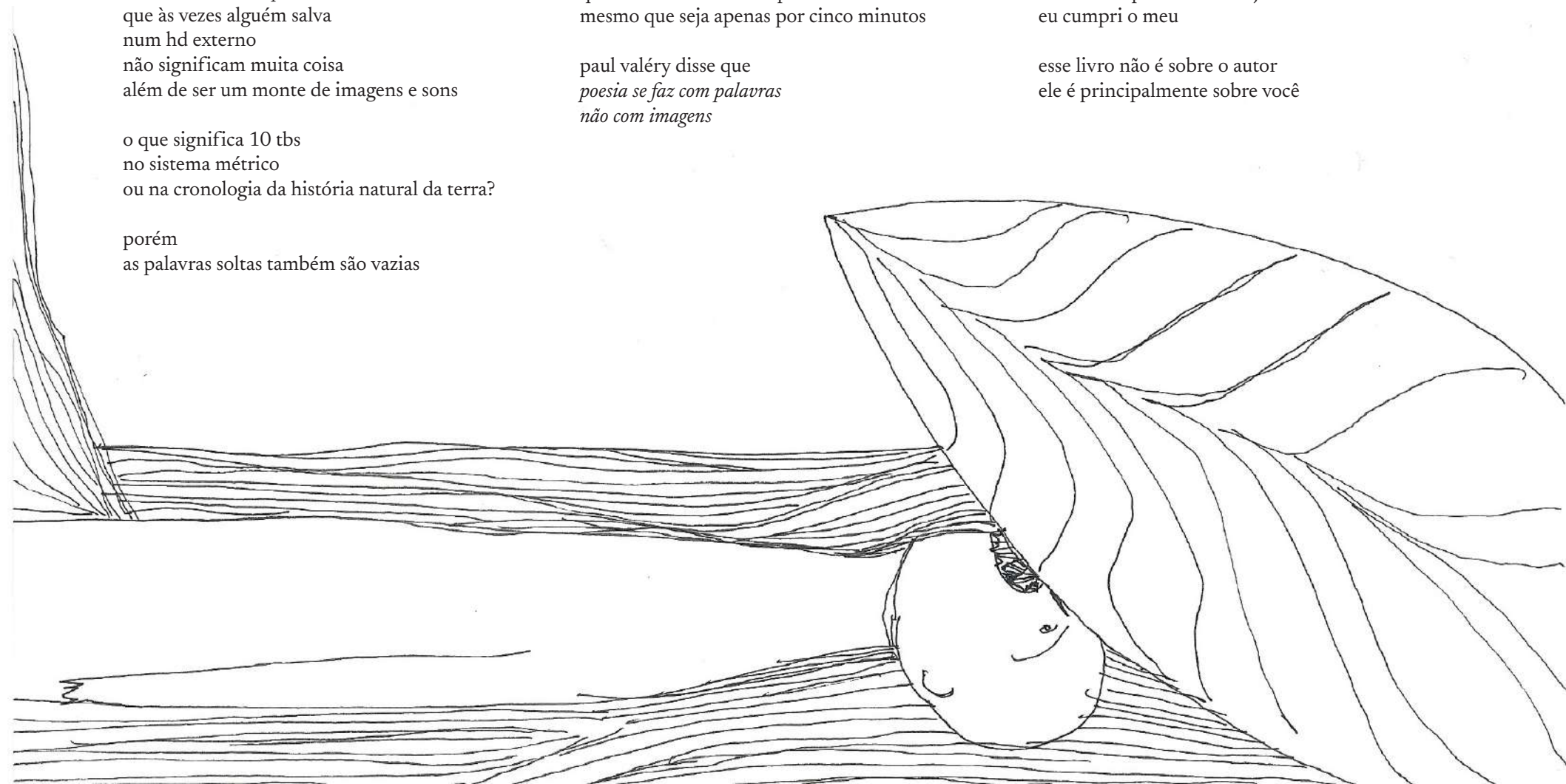
paul valéry disse que
poesia se faz com palavras
não com imagens

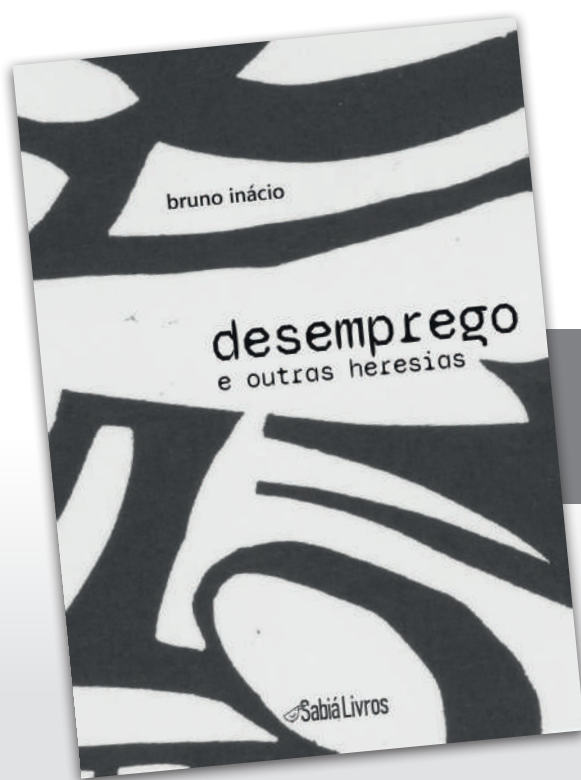
murphy gengivas sangrentas disse que
o blues não é sobre se sentir melhor
é sobre fazer os outros se sentirem pior

robert plant disse
aaa-ah aaa-ah

os três cumpriram seus objetivos
eu cumpri o meu

esse livro não é sobre o autor
ele é principalmente sobre você





Publicado em 2022
e esgotado desde 2023,

Desemprego e outras heresias

ganha segunda edição

Escrita em um fluxo de consciência não linear, a história acompanha Fábio, um publicitário que vive em São Paulo, longe de sua cidade natal, e enfrenta o isolamento, o desemprego e a falta de perspectivas. Quando recebe um pacote enviado por seu irmão, mergulha nas memórias de uma infância marcada por culpa e rejeição.

Um breve e denso romance.
Xico Sá

Sucinto na forma e denso na experiência. A escrita de Bruno nos prova que, para alcançar o leitor, não são necessárias muitas palavras, mas as palavras certas. Com textos lapidados, a narrativa produz sentido no atrito entre o que é dito e o que permanece suspenso. Uma experiência de leitura inesquecível.
Carla Guerson

Veloz. É como Bruno escreve: de maneira veloz. Os cortes na narrativa fazem o leitor preencher tudo o que ali deveria constar, mas que, por não subestimar o que sabemos, o autor evita mostrar novamente. E é cortando, cortando, que a narrativa parece feita a navalhadas.
Marcelo Labes

Bruno Inácio é jornalista, mestre em comunicação e colaborador do Jornal Rascunho, do Le Monde Diplomatique e da São Paulo Review, além de ter textos publicados em veículos como Rolling Stone Brasil e Estado de Minas. É autor de “Desprazeres existenciais em colapso” (Patuá) e de “De repente nenhum som” (Sabiá Livros). A primeira edição de “Desemprego e outras heresias” foi publicada em 2022, pela Sabiá Livros.

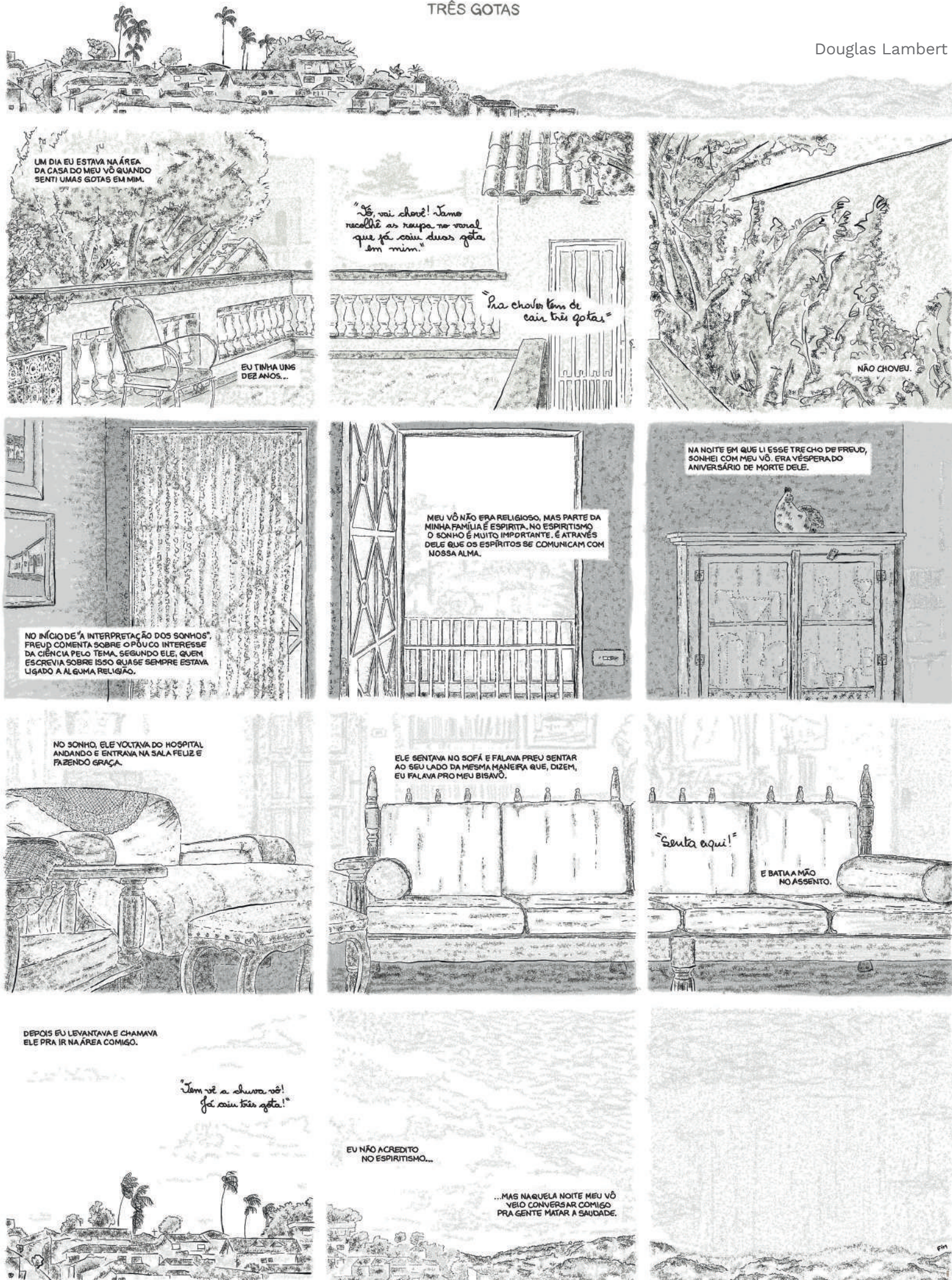


Foto por Lucas Orsini



TRÊS GOTAS

Douglas Lambert



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

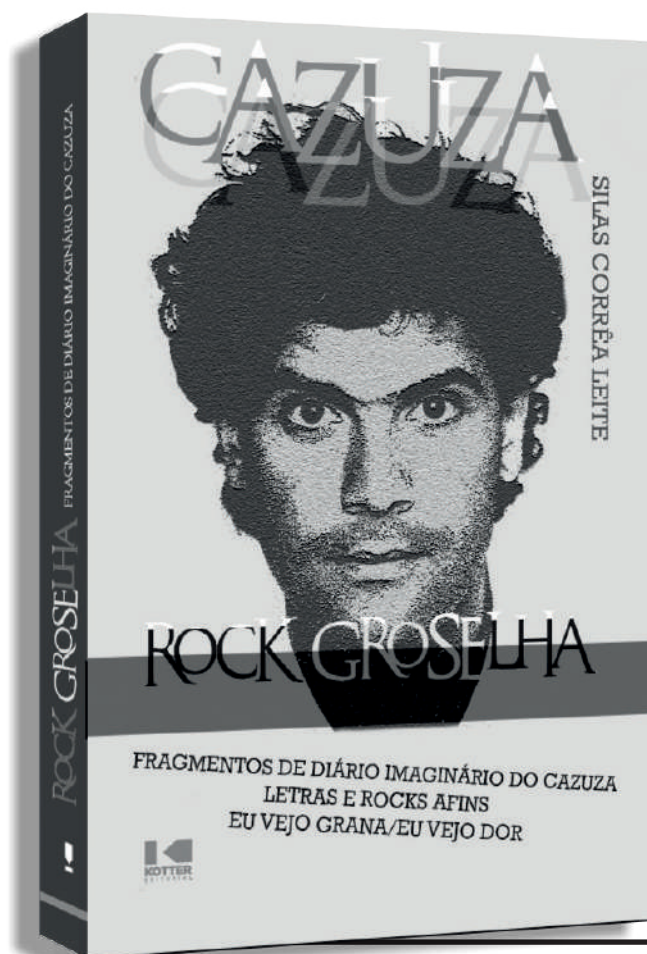
E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com





ROCK GROSELHA

Fragmentos de Diário Imaginário do CAZUZA

Kotter Editorial, 2026 (240 páginas)

kotter.com.br/loja/pre-venda/rock-groselha-fragmentos-de-diario-imaginario-do-cazuza/

Silas
Corrêa
Leite

poesilas@terra.com.br
poesilas@gmail.com
www.silascorrealeite.com

O livro reúne letras de rock, poéticas e afins do roqueiro popstar Cazuzza em achados criptografados na nuvem e textos decodificados do premiado escritor Silas Corrêa Leite, poeta e ficcionista.

Baixado de uma nuvem estrambólica e de secreto arquivo descriptografado (ou vice-versos), a obra apresenta pensadinhos, pensagens de Cazuzza, num ser, permanecer, estar e continuar que não teve concerto, mas ao menos tem concerto. Letras ao seu estilo e estalos, aqui e ali viajando na maionese do ácid rock, Cazuzza fez da bossa nova um rock & roll lupicínico e emepebelizou seu pensar/sentir/criar num moinho de contestações, mostrando também a sua cara e coragem. Cazuzza foi único.

Suas criações ainda reverberam mundos e fungos. Livro único no gênero, Silas Corrêa Leite traduziu Cazuzza e, por assim dizer, o reescreveu no mesmo timbre e tons e tais, curtindo o inventário de inventariar o

fazer poético, destilando orquídeas murchas em zonas de desconforto. Nem sempre se vê lágrimas no escuro, cantou o Lobão. Deve ser isso de Cazuzza ser único e potente no que deixou de sua sina feroz de sacar, investir, criar e registrar focos de insanidades sociais. Por essas e outras, **ROCK GROSELHA** põe fogo nas cortinas para abrir-se novamente no espetáculo que tem que continuar, custe o que custar. E assim de ferir de presença as ausências que fazem parte do show de amar e reverenciar, reverberamos e evocamos Cazuzza em artes.

Essa é a proposta deste livro, em sua homenagem, seu talento, suas criações feito um porta-lapsos de jazzfluências em limonódoas de ins-pírar a MPB. Aqui, retratos, confidências, válvulas de escapes, e, acima e de todas as coisas, rock em rimas e letras — e tins e tons e tais. Periga ler. Se quiser, cante as letras. Sinta o ritmo. A loucura mora no desfecho? Habemus Cazuzza. E salve-se quem puder.

Sabemos que você, caríssimo(a) leitor(a), anda sentindo falta de algumas coisas aqui no Jornal. Ora, um veículo impresso sempre pode receber melhorias, não é mesmo? Como toda tecnologia (o relógio, a chave, a máquina de lavar), o papel também pode ser *otimizado*. *Pivotar*. Receber uma nova *iteração*. A boa notícia é que estamos atentos. Estamos ouvindo vozes. Estamos sintonizados com as principais tendências tecno-mercadológicas de 2026.

Já entendeu onde estamos querendo chegar, não é? Estamos vivendo em um mundo mágico. Você pode contracenar com Tom Cruise em *Missão: Impossível* sem sair de casa. Pode criar uma versão sua no estilo “Disney”, mesmo com essa lata feiosa aí. Pode imitar a voz dos seus ídolos do K-POP em qualquer oitava sem gastar saliva e cordas vocais. Ora, que se dane: você pode beijar (na BOCA!) os seus ídolos de K-POP com dois comandos em um aplicativo.

São tantas e grandiosas possibilidades que, pensando nisso, o RelevO traz – um pouco atrasado, reconhecemos – a verdadeira experiência de ser atendido por um chatbot. Um chatbot propenso a forçar amizade como aquela criança de dez anos que, desacompanhada dos pais, afeiçoa-se por você no almoço de família. **Prepare-se, pois esta é a primeira edição do inovador...**

imagem de
robô genérico

RelevO I.A.

O primeiro jornal (impresso) com inteligência artificial do mundo!

Sua assinatura do Jornal sofrerá uma evolução COMPULSÓRIA para incluir funcionalidades de IA na experiência de leitura. Confira:



Comando por voz

CHEGA de ficar virando páginas. É muito cansativo erguer o braço, agarrar a folha, ativar o bíceps e revelar a continuação da leitura. Agora, é possível ordenar que a inteligência artificial do Jornal vire as páginas por comando de voz. E vamos além: converse com o Jornal, conte para ele suas angústias, seus pecados cabeludos. Quer namorar com a versão IA de algum autor da edição? Surpresa! Ao submeter textos para a publicação, todos os autores do RelevO terão de concordar com essa condiçãozinha, sem nenhum tipo de compensação financeira (exceto para o editor). Pedindo com jeitinho, a inteligência para lá de artificial do Jornal também terá o maior prazer em lhe ajudar a fabricar bombas ou cometer atos de violência contra si próprio.

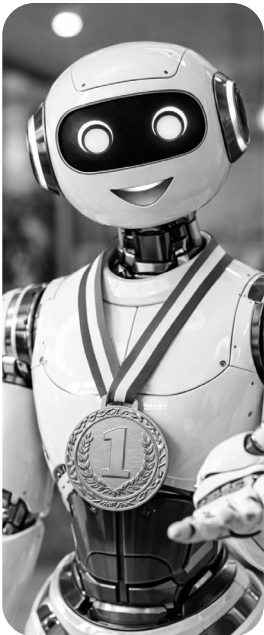


Resumão da IA

Essa é clássica: você quer muito assinar o RelevO, apoia o projeto e nos admira. Você sorri a ponto de exibir os caninos quando encontra o Jornal em algum ponto de distribuição. Infelizmente, contudo, não tem tempo pra ler as edições todos os meses. A vida é uma correria, não é mesmo? Não tem problema! Peça para nossa IA gerar um resumo da edição. Em apenas uma página A4, você terá as principais ideias listadas de forma fácil, rápida e com os melhores *insights* de cada texto, já convertidos em *bullets*. Ah, peraí. Você TAMBÉM não tem tempo para ler o resumo? Não tem problema, nossa IA pode gerar o resumo do resumo, até conseguir sintetizar TODA a edição na menor palavra possível: CU.

Chatbot com nossa IA

O editor do Jornal não respondeu seu e-mail, né. O texto que você enviou em 2023 ainda não apareceu em nenhuma edição. Sua poesia, apesar de publicada em anuários franceses e italianos, não foi selecionada para as páginas dessa desgraça de periódico irresponsável e sem profissionalismo. Calma! Nosso agente de IA irá lhe atender direto nas nossas páginas, explicando com calma os motivos da sua recusa. Depois da conversa, o suicídio também “será oferecido” como opção (o RelevO não gosta da voz passiva, mas nossa IA sim).



Tratamento de dados e insights

Ler é uma tarefa ingrata. Você termina o texto e nada acontece. Não se torna uma pessoa melhor ou mais esperta. Será? Com nossa nova Inteligência pra Lá de Artificial, cada texto lido conta pontos e você ganha uma medalha (em forma de *Non-Fungible Token*). Com mais de três edições lidas, você começa a receber *achievements* (Leitor do Mês; Cérebro de Titânio; Safadinho Que Só Lê As Cartas; Embaixador das Traças; Autor Publicado Que Nunca Leu Uma Edição Nossa e por aí vai). A partir de agora, a assinatura do Jornal RelevO, além de completamente & artificialmente inteligente, também se torna GAMIFICADA. Essa delícia de jogo não tem vencedores, apenas recompensas cada vez mais trabalhossas e insignificantes. Eventualmente, você perceberá que a leitura é o que menos importa: sua prateleira de troféus virtuais será o alicerce de suas carteiradas em eventos de literatura.

CONDIÇÕES DO CONTRATO

Para que as funcionalidades inteligentes do Jornal operem com precisão, recomendamos que o leitor tome as seguintes precauções:



Conexão com a internet: para conseguir ler o jornal impresso, o *usuário* precisa conectá-lo à rede wi-fi e consumir uma carga de cerca de 200 megabytes de dados. De outro modo, a inteligência artificial não funcionará e não permitirá que o exemplar seja aberto. Se mantido desconectado por mais de 24h, o Jornal entrará em combustão espontânea;



Segurança: justamente por se tornar uma experiência conectada e inteligente, a leitura do RelevO também pode ser mortalmente perigosa. Os hackers estão à espreita, de olho nas brechas e vacilos. Para poder acessar o Jornal, o leitor precisará definir uma senha com no mínimo 18 caracteres alfanuméricos, com letras maiúsculas e minúsculas. Se quiser ainda mais segurança, sugerimos também a biometria (o editor recomenda aos homens que mandem as fotos diretamente ao seu e-mail pessoal). Também estamos testando a autenticação em três fatores (senha + celular + cartão enviado por correio ou via pombos). Inovar é com a gente.



Cartão de crédito: para poder usar as funcionalidades inteligentes, o leitor deverá fornecer os dados do cartão de crédito com certa antecedência. Cada comando para o chatbot será contabilizado em tokens, resultando em eventuais cobranças adicionais. Caso opte por não acionar a inteligência artificial, nossos consultores e lobistas entrarão em contato para avisar quão atrasado e tongão você é, listando as maneiras pelas quais está se tornando um desqualificado perante esse novo mercado da leitura inteligente. Você quer ser tongão?



Melhorias progressivas: sem qualquer alerta ou aviso prévio, o Jornal RelevO *subirá* atualizações para o sistema, resultando em eventuais lentidões, perda de dados, alucinações, anúncios novos (e mais longos) e combustão espontânea. Essas atualizações visam à melhoria da experiência de leitura e são obrigatórias. Elas também podem resultar em um leve aumento de preço. Para cancelar o serviço, que faz você escolher a opção Cobrança Recorrente, é necessário ingressar ao ciberespaço em forma etérea e travar um duelo contra a inteligência artificial.

NA PRÓXIMA EDIÇÃO

Certas pessoas vão adorar saber disso: o RelevO retorna com mais uma tentativa de **centrais colaborativas**! Acesse o link (ou escaneie o QR code ao lado) para enviar sua mais especial indireta:

bit.ly/relevoindiretas





ENCLOVE

a newsletter do Jornal **Relevo**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>

Highbury

Em 1992, o Arsenal, clube londrino de futebol, reformava o Highbury, seu estádio. O North Bank, setor norte do lar do clube, deixava de ser um *standing terrace* – onde torcedores ficam em pé, apoiados em algumas barras de metal – pra dar lugar a confortáveis cadeiras dispostas em dois andares. Enquanto a obra acontecia, a seção foi desativada e foi montado um painel pintado que simulava a torcida, transformando a área de trás de um dos gols num paredão, como mostra a foto à direita.

Além do efeito visual curioso em um estádio de futebol, o conteúdo do painel se mostrou bastante controverso: primeiro, foi criticado por não ter negros o suficiente (o Arsenal era o time com a maior torcida entre negros na Inglaterra). A pintura foi então alterada para corrigir o erro. Pouco depois foi levantada a questão de que havia crianças aparentemente sozinhas, ou perto de adultos que não pareciam ser seus pais. Assim, todas as crianças foram colocadas perto de adultos e pintadas da mesma cor do adulto mais próximo. Mas notaram que nenhuma criança estava perto de mulheres, e que mulheres estavam sub-representadas no geral.

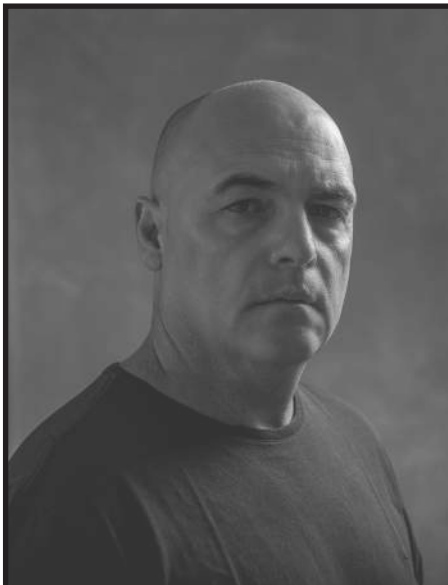
Mil mulheres foram adicionadas, incluindo moças portando saris, burkas e vestimentas tradicionais africanas. Quatro freiras foram inseridas, sendo que uma delas foi atingida no rosto por um chute de **Lee Dixon** no primeiro jogo. Cinquenta sikhs também foram adicionados, com suas tradicionais espadas cerimoniais, que foram posteriormente retiradas por recomendação da polícia.



Mais tarde, houve rumores de que a pintura tinha sido alterada novamente, para adicionar mais homossexuais. Embora isso não tenha sido feito, chegaram reclamações de que gays haviam sido colocados perto de mulheres e crianças. O clube, junto a organizações de direitos homossexuais, soltou uma nota dizendo que nenhuma alteração tinha sido feita, e que gays não têm aparência diferente das outras pessoas, e não são uma ameaça a mulheres, crianças ou partidas de futebol.

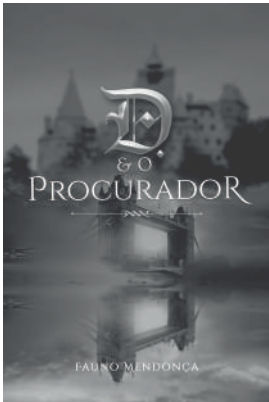
Steve Bould, ícone do Arsenal durante os anos 1990, conta um pouco de sua experiência com o painel em uma entrevista: “o mural era esquisito: todas aqueles rostos pintados, em silêncio, olhando pra você. No primeiro jogo com ele, estávamos ganhando do Norwich de 2 a 0 e perdemos de 3 a 2 no fim. Isso resume bem como era o sentimento de jogar em frente àquele painel”.

O mural veio abaixo no ano seguinte, com a conclusão das obras. Não deixou saudades.



Conheça as obras de **Fauno Mendonça** em sua página da Amazon:

bit.ly/faunomendonca



D. & o Procurador

Nos passos flutuantes do Conde Drácula, esta obra escoa nos seus preparativos para seguir rumo à Inglaterra vitoriana do final do século 19 em busca de sua redenção, bem como adentra nos profundos questionamentos do procurador Connor Burke. Não se trata de uma ficção de terror, aproximando-se mais de um intenso drama com tons de suspense, no qual o leitor terá a oportunidade de desvendar segredos e mistérios encravados no lado mais oriental da Europa e enxergar os vícios e as vicissitudes de suas personagens que buscam algo maior para suas vidas. A obra emerge na mente sombria do Conde da Transilvânia, desnudando sua dor atemporal na sede de paz eterna, bem como na batalha introspectiva do procurador irlandês, a fim de encontrar seu verdadeiro caminho diante de um mundo vil e complexo.



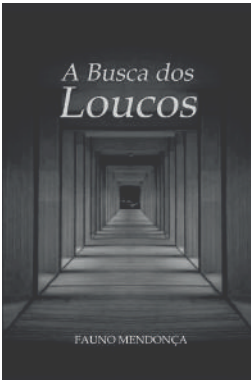
Ao Norte do Silêncio

As criaturas humanas têm o dom de buscar a verdade, mas, infelizmente, essa capacidade encontra-se adormecida na maioria das pessoas. Nessas crônicas, há um incessante empenho de desvendar a dor e entender a paz, afastando-se da loucura que o mundo impõe a cada um de nós. Apesar de nossa insignificância no Universo, a vida é uma dádiva: não sofra com questões impossíveis.



Encontre-se

O livro navega por vários temas com a finalidade de instigar e aprofundar reflexões. Os pensamentos do autor não são colocados como verdade, mas como um ponto de vista para que o leitor possa enxergar, questionar e encontrar-se.



A Busca dos Loucos

O ser humano ultrapassa a racionalidade trivial. Por isso, em face dessa complexidade, muitos se perdem e a vida passa a ser turva, sem sentido, razão pela qual a morte, aproveitando desse caos, mostra uma opção a ser seguida. Cada pessoa, dentro de um aspecto puramente lógico, tem a sua singular busca, mas o verdadeiro caminho da vida surge quando se procura descobrir o seu real sentido. Assim, não basta querer viver apenas em um mundo de extrema razão, contaminado pelo ego. É necessário cultivar a humildade e não ter medo de amar, o que não pressupõe subserviência a nada e a ninguém. Ao contrário, esses canais dão a possibilidade de alcançar a glória existente em cada ser. Aquele que se afasta dessas premissas está fadado a buscar o nada, a viver a busca dos loucos. Uma vida contra si mesmo, contra a sua própria natureza. A felicidade encontra-se ao nosso lado todos os dias: basta querer cultivá-la da forma mais simples possível.



Bragof

Os sonhos e as frustrações são inerentes ao ser humano. Não há como viver sem sentir a dor da derrota ou o contentamento da vitória.

Evoluir não é um mero consectário do passar da vida, tratando-se de um dever constante em face de terceiros e, sobretudo, uma resposta condizente à própria alma. A direção correta a ser tomada encontra-se descrita em nosso coração, bastando ter serenidade para descobrir e cumprir o verdadeiro desiderato.

Mesmo que a estrada seja mais árdua, é para lá que se deve ir, sob pena de jamais alcançar a glória.

A atmosfera da trama do livro gira em torno dessas vivências reais ou ilusórias decorrentes dos desejos e dos medos.

O enredo adentra ainda no mundo de ganhos, de perdas, de consequências e de remissões que rondam as pessoas em cada passo dado.

Não fuja do espelho, do enfrentamento nem do caminho a tomar.



Éramos todos pés-de-boi

Ludmila era ocupadíssima. Ou ao menos aparentava. Andava apressadamente pelos corredores da Fundação com uma xícara de café nas mãos. O utensílio dizia gratidão. Do café mesmo ela não bebia. Mas aquilo não era sua culpa. Era proveniência da modalidade de licitação da compra do menor preço e pior qualidade pela qual o café fora adquirido, cuja dinâmica é autoexplicativa e realmente tornara intragável o líquido. Os mais antigos de casa diziam até que a bebida era torrada junto com palhas, folhas, perninhas de baratas, os beréus dos cafés. Mas isso parecia mais era mentireiro de velho.

Seu Fernando era um figurão do jurídico, mas o tempo dele já tinha passado, só ele que não sabia ou se fazia de não saber. Era dado aos galanteios com as estagiárias desavisadas e exageradamente polidas. O velho tinha uma herpes escrota estourada na boca durante todas as estações do ano e tratava sempre de muito perto, dando apertões na parte de trás dos braços das meninas, era preciso conversar de ré pra lidar com o tipo, se esquivando, se abaixando, o cara parecia um pica-pau maldito. Além do que seus perdigotos voavam quilômetros em busca da vítima de sua interlocução e ele sempre buscava finalizar as interações com um beijo muito do aguado na bochecha, especialmente se ele estivesse gripado.

Ludmila, embora não fosse estagiária, tinha a torpeza necessária para o devir-polvoso de Seu Fernando. Todas as terças, eles se reuniam para tratar de assuntos da Procuradoria do Estado, a

senhora já antevia a exposição excessiva de seu rosto àquela espuminha fedorenta salivosa que se juntava nos cantos dos lábios da múmia, os dele enrugadíssimos, mais do que de todos, e ele logo metia pra dentro um quarto de Rivotril antes que o ritual se desse. O cargo comissionado. O cargo de confiança. A função pedia dessas coisas, que se abaixasse muito até que se mostrasse a bunda muito branca. Ludmila não entendia muito de coisa nenhuma, mas sorria com maestria. Era um estandarte importante para a Secretaria.

Renata era uma coitada. Prometeram pra sua geração que ela poderia trabalhar com o que amasse, então inventou para si mesma que seria moralmente contra os concursos públicos, embora os concorresse em segredo. Tornou-se, contudo, um cargo comissionado, mas não de confiança do Governo. Isso queria dizer que ela ainda precisava se preocupar em pagar suas contas, e que seus finais de meses não estariam garantidos apesar de. Duas formações acadêmicas sólidas, programa de intercâmbio em Londres, domínio de tecnologias e inteligências artificiais, mas nenhum padrinho nesta gestão.

Sem graça, sem gracíssima Ludmila. Aos 44 anos, tosaram-lhe as trompas, os ovários e o útero. Uma histerectomia laparoscópica total. Passou a sentir-se assim ela toda uma fenda, uma cavidade oquíssima, sem vicissitudes, uma lua cheia em vagaroso processo de ser minguate. E a única função daquela mulher sempre foi coordenar os seus subordinados diretos, uma equipe de 35 servidores públicos, entre concursados e comissionados. Falhava. Diuturnamente falhava. Havia ali um erro fulcral no modus operandi da chefe, ela parecia transferir a expungida maternagem para um ambiente laboral de prole já autorregulada. E todos os dias Ludmila se tornava mais apática e despotencializada de si, como se algo lhe chupasse pra fora dela mesma. O cargo de confiança.

— Não tem mais jeito, Dona Plácida,

é o último prazo para a senhora dar entrada nos papéis da aposentadoria, senão ela vira compulsória, no Estado é assim. A senhora já tem 84 anos! 84o! Tem que parar ou param com a senhora. Nesse caso, perde todos os benefícios, sabia? Dá nem um salário mínimo com os descontos todos.

— Duvido. O Estado não ia fazer um trem desse comigo.

Esta foi a primeira conversa que Renata presenciou antes mesmo de começar os trabalhos na Fundação Carlos Aristocrata quando esperava seu crachá na antessala dos Recursos Humanos. Um crachá com nome-sobrenome e um uma matrícula alfanumérica que a seguiria enquanto por ali permanecesse. A fé de Dona Plácida na entidade Estado. Dona Plácida era uma espécie de arquivo orgânico que se lembrava de todos que passaram por ali e de onde estavam todos os documentos, mas que precisava se aposentar por idade. Ela toda parecia uma sociedade retrofuturística, mas distópica também, em que os tais arquivos orgânicos resistiriam até perecerem tendo trabalhado para alguns poucos gatos pingados empenhados em retirar das velhas carcomidas o que ainda havia de informação, de procedimentos operacionais padronizados de toda uma era jurássica, assim como ainda tentam hoje fazer com que as culturas imateriais sejam passadas de pai para filho num esforço de reprodução dos fazeres e das narrativas orais.

Renata foi indicada para a Fundação para ser assessora de Ludmila. Os altos cargos de confiança têm assessoria própria, não porque estejam amplamente sobrecarregados em suas funções, talvez até opostamente, mas porque preza-se pela manutenção da delegação de tarefas nenhuma na estrutura no organograma público do Estado. Renata iniciou-se entusiasmada com suas soluções tecnológicas, planners centralizadores, armazenamentos virtuais com identificadores arquivísticos, olhares holísticos e gestionários,

rápida e eficiente recuperação da informação. Ludmila, em princípio, também se amaravillhou, brilharam-lhe as íris com a ligeireza com que Renata lhe retornara as demandas, caso nunca dantes visto na administração pública. A menina estava ganhando grande aclamação generalizada em curtíssimo tempo, era naturalmente carismática, sorridente, integrada, empática, todos a queriam. Da fervorosa classe trabalhadora à murcha Ludmila.

Estátua de cera Ludmila permanecia. Um brasão colorido e com dizeres em latim. Tão limpa quanto as bandeiras precisam estar quando hasteadas nas entradas das repartições, senão perigam a multa pública. Mas, certo dia, ainda nas primeiras semanas de trabalho de Renta, a chefe se ausentou da sala para se reunir com quem lhe confiou o cargo de confiança e, em um nanossegundo de tempo, na sala dos Contratos e Convênios, os servidores enfileiraram as cadeiras e uma mulher exageradamente produzida e com uma roupa colada ao corpo, como se costurada fosse, adentrou no ambiente como se estivesse entrando em um show com platéia. Renata assistia a tudo de sua sala, sem entender, ainda, exatamente do que se tratava, mas era uma palestra de uma empresa que vendia sucos e sopas de emagrecimento, recrutando revendedores. A moça falava-gritava e os funcionários, que simplesmente largaram suas funções ao léu e agora estavam hipnotizados nas cadeiras à sua frente, respondiam tudo organizadamente em coro, como uma claqué:

— Qual a gente prefere comer: castanha, aveia ou um brigadeiro?

— Um brigadeiro! — respondia o grupo em risos e escândalos, enfatizando a tonicidade na letra “o”.

Mais à porta, os colegas das Finanças punham reparo se Ludmila desponsava ou estava de volta de repente, para que ninguém fosse pego. Era uma troca de favores, afinal, na próxima semana a convocação seria naquele setor.

Sete servidores foram convertidos





Flávia Figueirêdo

àquele bico de revenda, uma renda extra. Ao fim do dia, Renata foi convidada para um café com pudim na copinha, trazido pela Dona Vilma da limpeza. A iguaria não deu uma volta na mesa. Ludmila nem foi mencionada. Aquela experiência pitoresca disse muito à Renata sobre o lugar da mulher naquela repartição. Sempre sem respeito, sem oitiva, nem para um café convidava, os funcionários não arredavam o pé de suas ideias e comportamentos já terrivelmente cristalizados, por mais chefe que a mulher fosse. O cargo de confiança. Ignorava-se tudo o que isso quisesse dizer. Ludmila retornou, não havia resquícios de rotina alterada. Renata manteve a boca de siri. Tornara-se um deles.

Naquela terça-feira, Renata mal chegou à Fundação e havia ali um burburinho de motivação ainda não identificada. Tudo fedia à merda também. À bosta mesmo, não há figura de linguagem. Havia vindo escorrendo uma diarreia líquida explosiva das calças sociais de Seu Fernando desde o elevador até sua cadeira, com direito aos rastros verdejantes que o acompanhavam as 800 vezes que ele resolvesse sair para cotejar as gatinhas das outras baias. Ninguém teve coragem de falar.

Renata se sentou, ligou seu computador e foi buscar seu café, enquanto a carroça pegava no tranco. De sua sala, Ludmila certificou-se da chegada da assessora e veio correndo e se tesdevilhando em sua busca. O um quarto de Rivotril

já estava fazendo efeito. Entrou em tom dramático e esbaforido na copinha:

— Renata, assim que você terminar o café, aliás, venha aqui na minha sala. (...)

— Renata, você está sentido este odor fétido?

— Na verdade, estou sim, está bem forte, Ludmila. O que houve? É algo na rede de esgoto, algum bicho morto na tubulação?

— Não, minha querida, é o senhor Fernando. Ao que tudo indica, ele defecou na própria roupa e não se deu conta devido à idade avançada. As fezes são líquidas e estão escorrendo pelas calças e, como ele gosta de dar suas caminhadinhas, está se alastrando por todo o andar.

— Meu Deus, que velho gagá, por que não se aposenta? Tá senil, não sabe nem que tá cagando na roupa e sai pra dar cantadinha nas meninas, que nojento! — perdeu-se um pouco Renata, acreditando ter liberdade e intimidade com Ludmila.

— Não fale assim, minha querida, devemos respeitar a experiência e a sabedoria dos mais idosos. Ele é o Procurador, ele é poderoso, cuidado com o que você fala.

— Me desculpa. Falei assim com você, em confiança. Me desculpe se perdi o tom.

— Não se preocupe, pode me falar o que quiser, somos amigas, eu te adoro, adoro seu trabalho, você me salva

aqui. Falo para o seu bem. Porque você é jovem e ainda não tem maldade. O jeito que você falou aqui comigo não pode falar com mais ninguém, cuidado.

— Tudo bem, claro, mas do que você precisa?

— Então, ninguém quer falar com ele sobre isso, então precisa ser você que é minha assessora. Fale com jeitinho, tá. Ele precisa ir embora pra casinha dele. Fale com jeito, pra ele ir descansar.

— Meu Deus, Ludmila, como eu vou fazer isso? Eu nem tenho intimidade, não tenho proximidade, nem gosto dele...

— Renata, o que acabamos de falar, meu anjo?

— Tudo bem, só me dá um tempo pra pensar em algo.

— Não tem tempo! — Perdeu a postura Ludmila — Daqui a pouco é nossa reunião, eu não vou suportar isso.

À Renata subia-lhe a volição de esganar Ludmila. Já tinha a cena toda em mente. Primeiro arrastando-lhe pelos cabelos no sentido direto ao vaso sanitário para que fosse toda imersa do queixo ao chumaço de cabelo central; sendo quatro séries com duração de quinze segundos cada, até que a descarga não alcançasse mais a capacidade de repouso e não mais estivesse disposta a disparar. Os braços fracos, o cosplay de mosca morta, a atitude escoliônica, a passada vagarosa, o aparelho dentário de jovem retardatária, todo o conjunto de molezas. Aquilo sim era fatal, era irresistível ao que Renata possuía de pior dentro de si. O cargo comissionado faz isso com as pessoas. (...)

— Bom dia, Seu Fernando — Renata com um sorriso que só se manteve porque escamoteava o campeonato de apneia que competia contra si mesma internamente.

— Bom dia, menina — o velho virando o corpo todo na cadeira de rodinhas, ensaiando ficcionalmente uma ereção mole, mas cheia de bosta.

Então Renata começou a dizer o

que lhe viesse à cabeça:

— Hoje o senhor tem uma reunião com a Ludmila, não é mesmo?

— Senhor não, menina. — Seu Fernando alisando o braço de Renata.

— Então, o senhor tem essa reunião, mas está fazendo tanto calor que todos estão pensando em ir embora pra casa pra tomar um banho, por que o senhor não vai também? — Imediatamente depois de dizer aquela atrocidade, Renata se ouviu e pensou que aquela patacoada nunca colaria e que ela seria exonerada pela ousadia ou, sei lá, pagaria de quem convidou o velho a tomar um banho com ela, bem pior.

A múmia suspirou e disse:

— Sabe de uma coisa, você tem razão, menina! Vou pra casa tomar um banho. Obrigado! — Levantou-se e saiu rumo à portaria.

Não parecia, mas todos os outros colegas estavam atentos à conversa travada entre Renata e Seu Fernando. Os servidores em suas ilhotas nas cadeiras e mesas nas provas de resistência às mesas bambas, rotas do serviço público. O aleijamento daqueles quatro pés virgens de calço nem chegava perto de todo aquele sistema deficiente, era fato. Desfecho inacreditável. Renata voltou a respirar. Fez-se um longo silêncio absorto e seguiram-se aplausos à menina. Um marco. Ludmila sorriu com dentes de coelho escorada na porta de sua sala opulenta demais para tanta mediocridade da chefe, meio dentro, meio fora. Renata passou a observá-la mais de perto.

E Ludmila parecia sempre doente, fraquética, e era. daquelas crianças que passaram a infância internadas, com máscaras de oxigênio e alergias. Um dia contou à Renata que teve anos de erupções de furúnculos seguidos sempre explodindo em seu corpo. Chamavam de limpeza do sangue, o sangue podre saindo. Ainda hoje, quando alisa a áspera ponta de um bigode masculino que lhe brotara na lateral esquerda de seu lábio, a cada dois dias, ela se lembra do período, pois aquele cabelo grosso e duro só vingou após expelido o carnegão purulento

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.



Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...

@escritorayorga



É APENAS UM LIVRO SOBRE UM NÓIA.



de um furúnculo que ali a deformara na juventude. Mas o que Renata percebeu era que Ludmila era de outra ordem de doenças. A alma dela talvez estivesse sendo contínua e morosamente usurpada.

Ninguém nunca havia tido com a alta chefia, aquela que confiou o cargo de confiança à Ludmila. Ficavam no andar acima ao dos servidores e da própria Ludmila, tudo levava a crer que se tratava de uma casta muito exclusiva ou de uma lenda pós-apocalíptica, já que seus carros ocupavam as vagas exclusivas quando da chegada e saída, mas nunca eram vistos em circulação.

Um dia, Renata acompanhou Ludmila em uma dessas reuniões com a alta cúpula, teve até de comprar um terninho mais ou menos de marca boa. Ao retornar, trouxe as notícias à plebe, aos seus. Eles usavam ouro, delicado e pequenino, mas ouro, como se fossem guias, sendo protegidos e abençoados, agarrados pelos pescoços. Baixaram em grupo no salão, eles vieram de um céu preto, distante e pesado, como se tivessem viajado desde antes dos primórdios dos infernos e vindo em missão pousados nesse tempo. Eram brancos. Mais do que brancos, não traziam entre os seus dedos nenhuma natureza de calejamento ou toque pesaroso, eram suaves, ensaboados, enjoativos. Tinham pelagem inconformadamente lisas e afinadas, a maioria era de um flavius comovente, cegante, inadmissível sob o sol que bronzeava todo e qualquer cútis mais ou menos exposta. Renata nem soube apontar para ninguém a título de comparação enquanto relatava.

Não falaram com ela, não se dirigiram a ela, não olharam para ela, nem para Ludmila, na verdade. A coisa toda parecia uma abstração. Mas de uma coisa ela tinha certeza: Ludmila saiu daquele encontro com a moleira mais aberta ainda, de uma criança prematu-

ra, de todo, achacada, parece que eles roubaram seu espírito e o debilitaram ainda mais. Mas isso ela não disse em voz alta.

Desde a chegada de Renata, os processos da Fundação estavam automatizados, o que harmonizava integralmente com a dinâmica dos colegas que faziam a autogestão como nunca se vira, além disso Ludmila era cada vez mais escanteada. Sua agenda se restringia a eventos sociais, de trabalho e apresentações e às reuniões periódicas no terceiro andar, nada que realmente agregasse à repartição, só à gestão. E à medida que Renata era mais querida em todos os grupos, mais ela sentia o ressabiamento e o olhar encurralado de Ludmila. Correu-se então à boca miúda que Renata substituiria a chefe. Um terçol brotou em Ludmila no primeiro dia do buchicho.

Renata fez-se de muda e se desesperou, e por duas razões. Primeiro porque não havia mais com o que se ocupar naquele serviço, se tivesse títulos poderia dizer que havia calos neles de tanto coçá-los. Renata sempre providenciou em dois tempos minutas e prévias para tudo o que lhe pediam, de modo que, para a sua continuação era suficiente replicá-las. E a segunda razão era porque os bichos sitiados são os mais graves, as covardias mais bem articuladas estão nos projetos de manutenção do status quo do poder público. O cargo comissionado estava sob ameaça.

Ludmila se afastou por três dias devido ao terçol. Aproveitou e iniciou sua esporádica dieta hipocalórica que deixava seus braços, pulsos e mãos levemente etéreos. Percebia-se nos membros visível viscosidade e afinamento de pele que eventualmente estava em transparência severa, um ser translúcido e abobalhado, de cujas mãos escapavam objetos do dia a dia, voltou

também muito escorregadia e vacilante. Sua ausência somada à eficiência dos trabalhos de Renata ratificaram a total inutilidade da senhora naquela Fundação, todos os subordinados o assentiam. A pobre voltou mais antipatizada ainda, em todos os lugares em que aparecia, parecia que era enfiada à revelia, sempre era uma infiltrada, sempre um estado de exceção à paisana. Talvez fosse alguma coisa em seus olhos, sempre eloquentemente abertos e profundos, eles aplicavam comichões se encarados por tempo suficiente, sempre se intrometendo Ludmila. Ninguém queria Ludmila por perto, ninguém nunca quis.

Renata, ainda a cismar, alternara-se em tarefas disruptivas de toda ordem. Era comida pela ansiedade que lhe antecipara os buracos do amanhã. Ela precisaria perdurar. Fez a gestão completa dos documentos da Fundação, criou storytellings performáticos para a equipe da Comunicação, criou dois aplicativos para controle de estoque da Logística e fazia todo tipo de trabalho administrativo a pedido de Ludmila e do diabo que o fizesse. Sua tática consistia em não deixá-la pensar muito na sua utilidade ali, a não ser ocupar a própria cadeira de Ludmila. O que Renata não sabia era que Ludmila, apesar de ser toda troncha e low carb, não era tão bestial quanto soava, ela estava muito certa de que era aquela autóctone parcimônia que a manteria ali. O cargo comissionado. O cargo de confiança.

(...)

— Oi, meu anjo! Sente-se! Tudo bem?

— Tudo bem, Ludmila, pois não — Renata já desanimada, antevendo a exoneração.

— Querida, eu sei que você gosta de mexer com suas coisinhas de planilha e internet e que você é jovem e inteli-

gente, descoladinha. Mas eu preciso de você para uma tarefa específica neste momento. — Ludmila com um sorriso tranquilo no rosto, deixando, inclusive, Renata mais acalmada. Renata só não sabia que ela havia trocado o Rivotril pelo Diazepam. E continuou:

— Quero que você faça uma faxina na salinha no final do corredor aqui neste andar da Fundação, aproveitando para organizar alguns livros e documentos que têm por lá e que são nossos e estão muito bagunçados. Mas uma faxina boa, um faxinão, hein!? Pode ficar tranquila que o pessoal da limpeza já fez a dedetização e não tem rato nem barata, viu!? Lá tá sem luz, mas de dia dá pra trabalhar tranquilo com a iluminação da janelinha que tem do lado.

— Não tem outra pessoa mais apropriada pra fazer isso ou ao menos para me ajudar se tiver que pegar peso ou tirar coisa do lugar?

— Não tem, porque todos aqui têm muita coisa pra fazer e, como você bem sabe, não abrem mão de suas funções, e você já adiantou todo o seu trabalho, né. Eu estou tendo que me desdobrar pra te manter aqui, na verdade. Tem até que ver o que você vai fazer depois disso, já que você é tão eficiente e a sala é tão pequena... E você sabe como funciona? Aqui nós temos que ser todos pés-de-boi mesmo, entendeu?

Na saída rumo à portaria, Dona Vilma estava de quatro, prostrada, retirando diarreia das entrelinhas do carpete, também comprado pela modalidade de licitação menor preço. Velho cagado e anosmático que só Seu Fernando. A senhora com roupa e máscara de proteção estilo antirradiação, agradecendo em louvor a Deus por seus filhos terem preferido os estudos. Mal sabia ela.

Seu Fernando voltou em tempo para a reunião com Ludmila. De banho tomado.

redemacuco.com.br
20 anos



DITOS & ESCRITOS
leilamariaaflesch.com



Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com

@hechoporcami



Viva a Introjeção!

Miguel de Unamuno

Tradução de Demian Gonçalves Silva

“O que nos faz falta, espanhóis, é a introjeção, o mais precioso, o mais fecundo, o mais sagrado dos direitos humanos. Como podemos viver sem ele? Sem a liberdade de introjeção, todas as demais liberdades nos serão vãs e mesmo danosas. Danosas, sim, pois há liberdades que, à falta de outras que as complementem, antes prejudicam do que beneficiam o humano. De que nos servem, com efeito, as liberdades de associação, de imprensa, de culto, de trabalho, de vadiagem e tantas outras que dizem possuírmos, se nos falta a liberdade de introjeção? Sem essa prerrogativa imprescindível, o sufrágio universal e o júri convertem-se em armas da vergonhosa tirania que nos domina. E não, não me digam que temos a liberdade de introspecção, pois introspecção não é introjeção, assim como autonomia não é autarquia. Antes de tudo, entendamo-nos em relação às palavras; chamemos cada coisa por seu nome: ao pão, pão; ao vinho, vinho; arquitrave à arquitrave, introjeção à introjeção e tirania a este variegado conjunto de liberdades ocas e incompletas em que nos afogamos. A palavra, oh, a palavra, senhores, a palavra!”

Ao chegar a este ponto do seu eloquentíssimo discurso, a palavra de Lucas Gómez foi sufocada pelos muitos aplausos do numeroso público presente à reunião. O fervor dos ânimos intensificou-se, e os “viva don Lucas Gómez!” confundiram-se com os vivas à liberdade de introjeção.

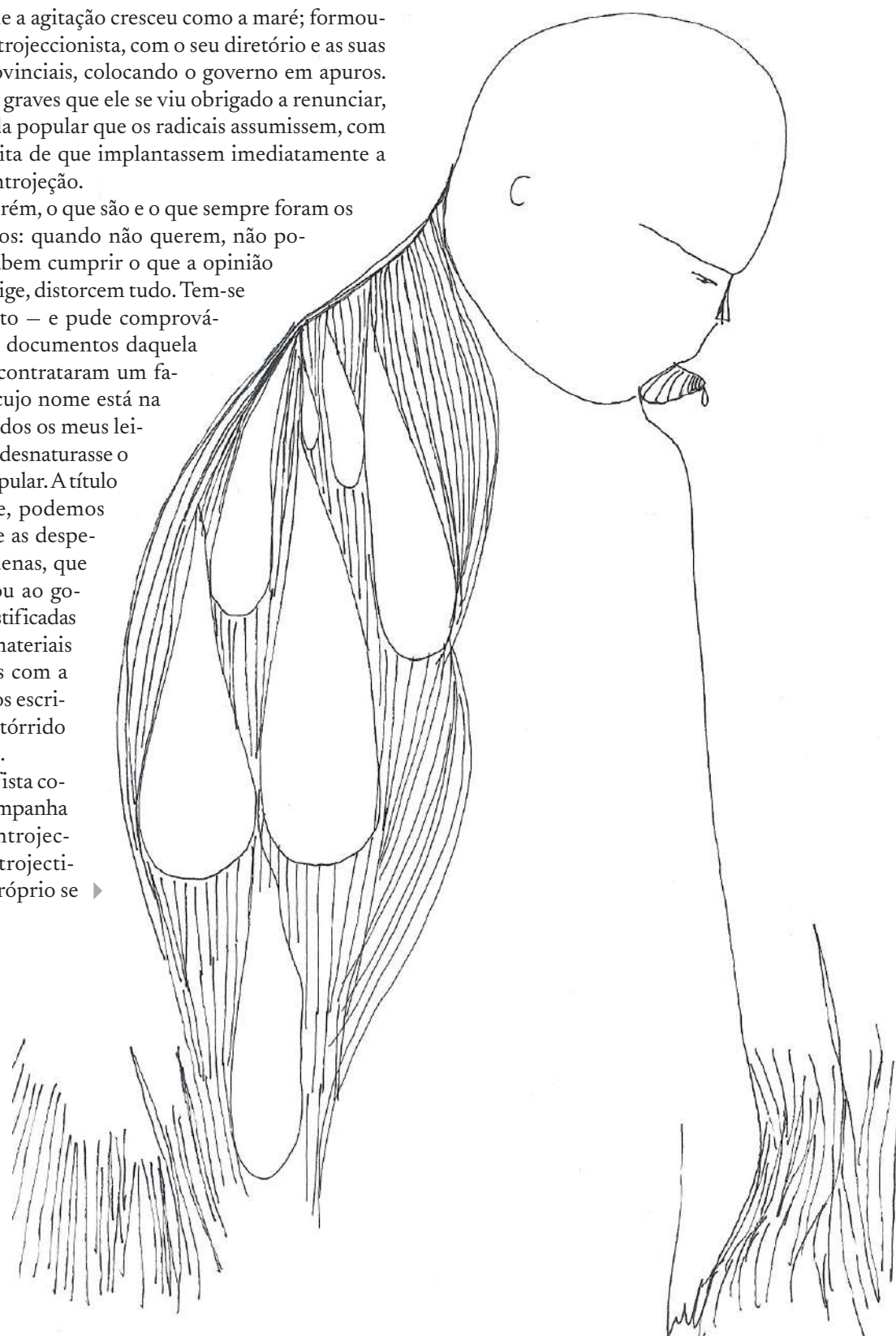
As pessoas saíram convencidas de quão necessário é introjetar-se e de como os governos que padecemos nos impedem de o fazer. Os espanhóis começaram a sentir fome e sede de introjeção.

É preciso termos em conta que isto ocorria por volta de 1981, pois hoje, nos finais deste tristíssimo século 21, desgastada a introjeção pelo seu simples uso, não perceberemos claramente os entusiasmos que então despertava.

O caso é que a agitação cresceu como a maré; formou-se uma liga introjeccionista, com o seu diretório e as suas delegações provinciais, colocando o governo em apuros. Em apuros tão graves que ele se viu obrigado a renunciar, exigindo a onda popular que os radicais assumissem, com a condição tácita de que implantassem imediatamente a liberdade de introjeção.

Sabe-se, porém, o que são e o que sempre foram os nossos governos: quando não querem, não podem ou não sabem cumprir o que a opinião pública lhes exige, distorcem tudo. Tem-se hoje como certo — e pude comprová-lo ao rever os documentos daquela época — que contrataram um famoso sofista, cujo nome está na memória de todos os meus leitores, para que desnaturasse o movimento popular. A título de curiosidade, podemos mencionar que as despesas, nada pequenas, que o sofista custou ao governo foram justificadas na rubrica de materiais como despesas com a refrigeração dos escritórios naquele tórrido verão de 1982.

O nosso sofista começou a sua campanha fingindo-se introjeccionista ou introjectivo, como ele próprio se

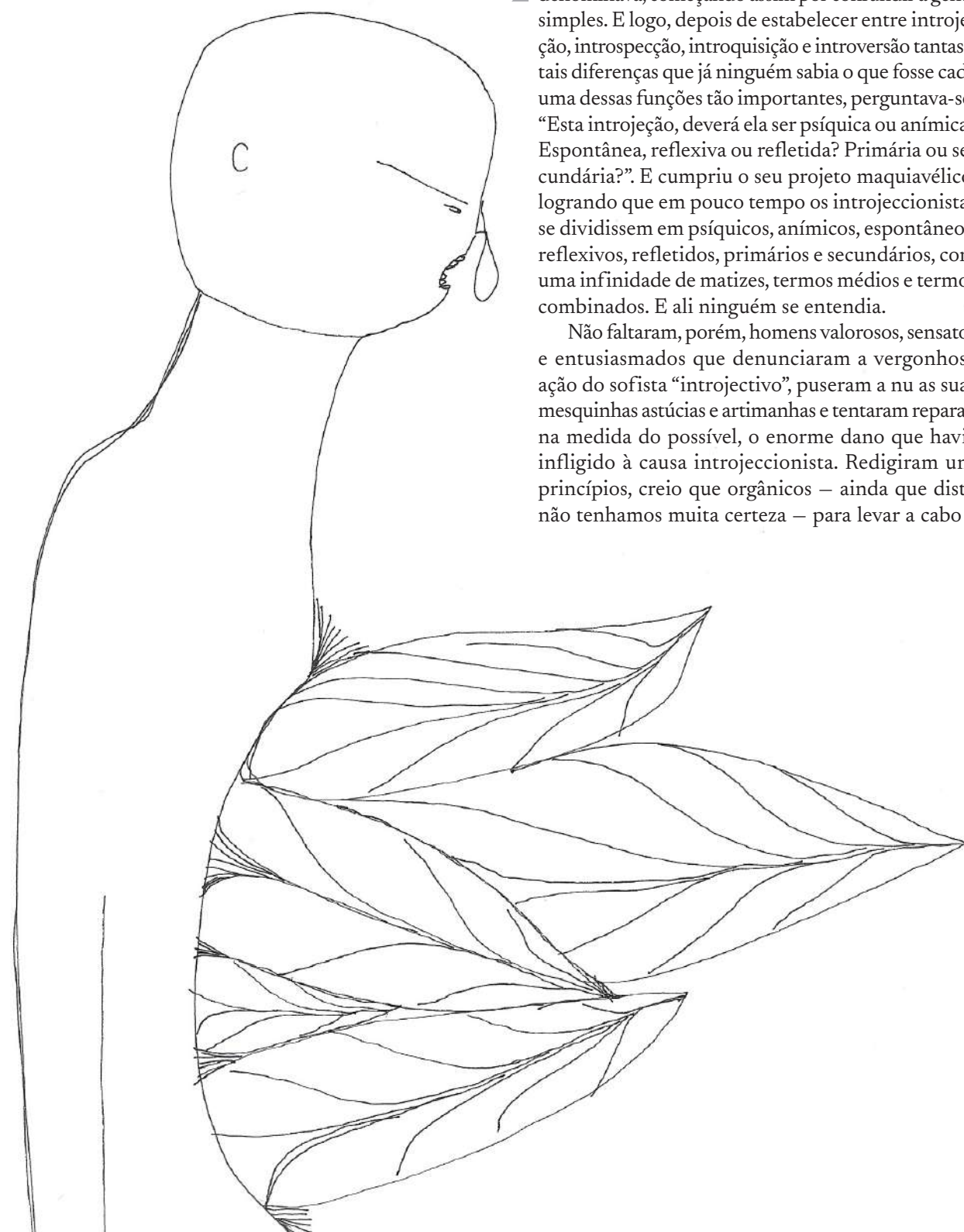


“Transitando pela fronteira imprecisa da ficção e da autoficção, André Giusti relata, neste monumental romance, a crise do gato de meia-idade. Um personagem volúvel, por isso contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon



denominava, começando assim por confundir a gente simples. E logo, depois de estabelecer entre introjeção, introspecção, introquição e introversão tantas e tais diferenças que já ninguém sabia o que fosse cada uma dessas funções tão importantes, perguntava-se: “Esta introjeção, deverá ela ser psíquica ou anímica? Espontânea, reflexiva ou refletida? Primária ou secundária?”. E cumpriu o seu projeto maquiavélico, logrando que em pouco tempo os introjeccionistas se dividissem em psíquicos, anímicos, espontâneos, reflexivos, refletidos, primários e secundários, com uma infinidade de matizes, termos médios e termos combinados. E ali ninguém se entendia.

Não faltaram, porém, homens valorosos, sensatos e entusiasmados que denunciaram a vergonhosa ação do sofista “introjectivo”, puseram a nu as suas mesquinhas astúcias e artimanhas e tentaram reparar, na medida do possível, o enorme dano que havia infligido à causa introjeccionista. Redigiram uns princípios, creio que orgânicos — ainda que disto não tenhamos muita certeza — para levar a cabo a

grande concentração introjeccionista, reduzindo a uma fórmula comum as distintas facções. Os menos conciliáveis entre si foram os chefes reflexivos don Martín Fernández e don Fernando Martínez; os primários e secundários estavam já fundidos havia tempos sob a comum denominação de primosecundários, tendo-se adotado esta, e não a de segundoprimários, sob a condição de que o chefe dos secundários liderasse a facção composta, pois em política tudo são barganhas.

Todos sabemos o que aconteceu depois; as acaloradíssimas campanhas de concentração, os brilhantíssimos discursos de Lucas Gómez e a ânsia louca de introjeção que se inflamou em todos os corações espanhóis. Chegou a tornar-se inútil a liberdade de pensamento, pois já ninguém pensava senão em introjeção; inútil a liberdade de ensino, já que o ensino não podia ser introjectivo; inútil a de culto, se não se podia cultivar a introjeção; inútil a de associação, desde o momento em que não era permitido associar-se para introjetar-se mutuamente; inútil a de trabalho se não se podia trabalhar introjectivamente.

E sucedeu o que não poderia deixar de suceder: veio a revolução de 1989 e, após aquelas três breves mas sangrentas jornadas de 5, 6 e 7 de fevereiro, triunfou o introjeccionismo, com Lucas Gómez a tomar as rédeas do Estado.

A primeira coisa que fez o governo revolucionário foi proclamar, aos quatro ventos, a liberdade de introjeção. E, então, sucedeu o que era de se esperar: enquanto se renovavam as acaloradas disputas entre psíquicos, anímicos, espontâneos, refletidos, reflexivos, primários e secundários, aquilo a que então se chamava massa neutra, e que a moderna sociologia denomina plasma sociogerminal, experimentou uma estranha sensação coletiva, os seus integrantes olharam-se uns aos outros nos olhos e logo se perguntaram, com curiosidade e assombro: “Pois bem, o que é isso de introjeção e com que é que se come?”.

Hoje já não precisamos fazer-nos esta pergunta; a dolorosa experiência do último terço do século 20, até que ocorresse a salvadora conjugação hispano-marroquina — da qual falaremos outro dia — ensinou-nos, para nosso pesar, o que é e o que significa a introjeção.

Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.

Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.

Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030

(11) 91853-6231

museudolivroesquecido@gmail.com



UM ATELIER DE COMUNICAÇÃO

No Espaço de Ideias Clarice & Machado, a comunicação é artesanal. Produzimos conteúdo singular — do texto com alma à estratégia de podcasts. Comunicação com sensibilidade e eficácia para quem busca autenticidade em um mundo artificial.



(41) 99993-4141

Venha nos conhecer:

www.espacodeideias.com.br

**ESPAÇO DE IDEIAS
CLARICE & MACHADO**

Atife Mansur, 565 - CUB/PR - Novo Mundo
Na cidade universitária Santa Cruz Centro Universitário





Borbotos

Betina Juglair

Ideia de monólogo: estou no quarto fazendo uma latividade absolutamente banal, digamos que eu esteja com um daqueles aparelhinhos à pilha que tiram os borbotos fiapos tufos bolinhas das roupas e digamos que ele faz um barulho assim não muito alto mas nem tão baixo e um bocado incomodativo pela persistência e pelo volume, mais ou menos como se a gente brincasse num piano e fosse descendo com a mão pelo lado direito até as notas começarem gritar de dor, e que não aplico esta maquininha em roupas mas num cobertor bege que não é nem velho nem novo mas tem assim uns cinco ou seis invernos de idade, que já foi extremamente macio e aconchegante e até mesmo elegante e hoje é cheio de fiapinhos pretos cinzas alguns vermelhos outros brancos alguns amarelos um ou outro azul espalhados pela superfície da coberta o que a torna um pouco áspera, e digamos que seja esse o cobertor que me cobre todas as noites, e numa sexta-feira qualquer em que tenho muitíssimas coisas a fazer decido ligar a maquininha, que inclusive ainda tem fiapinhos roxos de uma blusa de lã que limpei no inverno passado, quer dizer, retrasado, ainda morava naquela outra casa seis andares no alto lá na baixa, muito bonita a blusa, comprei numa promoção da Zara em 2019, tem gola alta que eu gosto bastante e que combina comigo e com meus cabelos curtos, mas hoje que por acaso é sexta-feira não uso esta blusa roxa e sim um pijama qualquer muito confortável mas já meio gasto e inclusive no tecido azul tem duas pequenas manchas de lixívia na coxa esquerda que o deixa rosa, e então ligo a maquininha, ela faz o som agudo e nisso começo a fazer movimentos variados na coberta, às vezes ponho a máquina mais perto e o som abafa um pouco, às vezes mais longe e o som aumenta, alterno entre o zigue-zague e a linha contínua, uma linda dança sobre a coberta bege, e a máquina faz um barulhinho quando captura o fiapo, um *glomp* que é uma interrupção no *buzzzzzzz* habitual, que na verdade como é agudo o som se assemelha mais a um *bizzzzzzz*, logo a sinfonia que escuto é um dinâmico *bizzzzzzzzzzzzz glomp bizzzz glomp bizzzzzzzz glomp bizzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzzz glomp b glomp bizzzz* e cada *glomp* dá uma sensação de recompensa de alegria de trabalho sendo cumprido e aí testo várias velocidades da minha mão na superfície da coberta, já que a velocidade da máquina é sempre uma, quer dizer, duas, ligado e desligado, mas a mão tem inúmeras infinitas velocidades e modos de se locomover por sobre a superfície, inclusive o corpo tem duas mãos, e embora eu seja destra eu às vezes passo a máquina à mão esquerda só para testar uma coisinha diferente, o que causa um susto

no público que assiste muito curioso a toda a ação, e nisto também mexo o corpo, fico sentada, às vezes levanto e fico de pé olhando a coberta de cima, me aproximo, me afasto, curvo as costas, deixo-as retas, tenho atenção à lombar, fico torta e me endireito, tudo muito dinâmico neste espetáculo de dança monológica contemporânea como pode-se notar e nota-se bem, e a mão sempre baixa agarrando a máquina que agarra os borbotos agarrados na coberta, e nesse *bizzness* constante a maquininha vai enchendo, fiapo por fiapo, e é engraçado que na coberta a bolinha é dura e feia mas depois que é captada pelo bicho-máquina o fiapo fica tão maciozinho tão molinho e quase bonito, se mistura com outros fiapinhos dentro e fica parecendo algodão, um algodão macio e meio sujo, que vai enchendo a maquininha de modo que de tempos em tempos eu tenho que parar para esvaziar o compartimento de borboto transformado em matéria fofa na lixeira verde do quarto quer dizer cenário, e faço isso muitas e muitas e muitas e diversas vezes afinal são muitos borbotos quer dizer fiapinhos por sobre a coberta bege e nisso é que entra o monólogo, me pego a pensar em tudo em muito em nada em diversas coisas, todas muitíssimo interessantes, e aqui a dramaturga, o que quer dizer eu mesma, posso escolher o assunto ou os assuntos tratados no monólogo enquanto toda a ação se desenrola, assim logo de cara já me vem um super tema, que é na verdade uma grande questão que se coloca na minha mente, a pergunta que não quer calar, que é que seria mais rápido se eu tivesse gasto dez euros na maquininha com uma velocidade extra ao invés dos seis euros que gastei na máquina mais simples, porque no calor do momento a gente não calcula o valor da nossa hora de trabalho né, por exemplo, no processo de desborbotização de uma única coberta, frente e costas, ou então frente e verso porque não sei se cobertas tem costas, as costas aqui na verdade são humanas e por acaso são minhas e tocam o colchão de modo que talvez a coberta tenha duas frentes, e essas duas frentes ou duas bundas me custaram por volta de duas horas e doze minutos de trabalho desborbotizante, mas que se incluía neste tempo uma pausa para um copo de vinho e a escrita de um monólogo, o que acho que é razoável e que poderia ser muito mais ou muito menos porque as coisas tem duração muitíssimo variada e tudo depende de muita coisa, imagina se fosse uma máquina melhor ou pior ou até mesmo um monólogo mais breve, ou ainda uma coberta pequena como de bebê ou grande como de um cavalo, porque imagino que cavalos passem frio e talvez alguns até tenham coberta e que

seja inclusive bege como a minha mas também pode ser vermelha, marrom ou azul marinho a depender do gosto do cavalo, da égua ou da pessoa, mas penso que o público pode estar muito satisfeito com uma coberta humana bege de tamanho regular e que o tempo de espetáculo é muitíssimo adequado, mais de cento e trinta mil segundos nesta cena inspiradora faz valer o dinheiro gasto em cultura, o problema é que eventualmente será preciso mais cobertas beges ou até mesmo de outras cores para desfiapar tudo direitinho quando houver apresentação em outras cidades e até mesmo para os ensaios, penso que é um problema sobretudo no verão porque os cobertores e os fiapos estão todos fora de vista e guardados sabe-se lá onde, eu mesma só tenho uma coberta que é esta que seguro na mão e que já está desfiapadíssima, e quem é que vai querer andar por aí emprestando cobertas para a classe artística no meio de um calor de trinta graus, e mesmo se fossem vinte e nove, eu é que não iria, jamais, coisíssima nenhuma, nem se eu estivesse entediada porque se fosse o caso eu iria pegar na minha coberta e desfiapá-la eu mesma, o que por acaso acaba de me acontecer, olho para as duas beges frentes ou costas ou bundas e constato a quase ausência de fiapos, que por um lado é magnífico porque está com um aspecto muito melhor, rejuvenesceu uns três anos, é um verdadeiro botox manual aplicado a tecidos diversos, mas também é um bocado frustrante porque como planejo muito seriamente um solilóquio *lay-down* com uma série de apresentações em locais diversos e duvidosos, é certo que vou precisar de outras unidades de coberta para desfiapar, mas acho que isto sempre arranjar-se, toda cidade tem uma coberta coberta de fiapos mesmo no verão e há sempre uma mulher disposta a coletá-los todos diligentemente, mas também de modos muito dinâmicos e variados, e é isto o que causa o engajamento com o público, então doze horas e dois minutos é um tempo razoável, diria até mesmo ideal, para contemplar uma mulher e seus borbotos devaneios cobertores fiapos coloridos, a não ser que eu encontre uma máquina superior à minha, a tal da máquina de dez euros ou até mais, porque temos de considerar a inflação, e eu realmente não sei qual o valor máximo que pode custar uma maquininha dessas, será que chega a vinte ou mesmo cinquenta euros se for uma versão *deluxe*, com engrenagens em ouro ou funcionamento robótico, acho que não chega a tanta tecnologia mas não tenho assim muitas informações sobre as opções das máquinas de borbotos, é algo que certamente devo averiguar antes da concretização da peça para ter mais embasamento



■ técnico e o público não achar que eu sou uma farsa, inclusive porque meu desconhecimento recai não apenas sobre valores mas também sobre velocidades e capacidade de armazenamento de fiapos, e mesmo sobre eventuais variações no funcionamento à pilha ou à bateria recarregável, são realmente muitas possibilidades para uma máquina tão simples que vou mesmo ter de enfiar a fuça nas bibliotecas públicas e rincões cibernéticos de fóruns especializados em aparelhos domésticos de pequeno porte, e imagina que coincidência se na ocasião do monólogo alguém da plateia ou até mesmo dos bastidores por acaso, descuido ou conveniência tenha uma máquina dessas junto consigo no bolso saco mochila ou mesmo na mão, as pessoas são capazes de tantas coisas até mesmo de levar uma máquina de retirar fiapos ao teatro porque se for uma máquina boa o suficiente e uma peça chata o suficiente há sempre o que se fazer, penso que essa pessoa hipotética pode pegar na sua máquina hipotética e retirar os borbotos hipotéticos do seu próprio casaco hipotético ou até mesmo fazer uma gentileza hipotética e retirar do casaco da pessoa hipotética à sua frente sem ela perceber, é lógico, mas apenas se for uma máquina boa e silenciosa o suficiente porque do contrário todos à volta conseguem ouvir a máquina em ação e seria um grande distúrbio, de modo que sou uma grande entusiasta do aprimoramento da tecnologia das máquinas de retirar fiapos pensando sobretudo no seu uso em teatros mas não apenas, pois imagine o sucesso em elevadores escritórios filas variadas qualquer momentinho ali ao invés de consultar as redes sociais ou um jogo no celular a pessoa pega na máquina e retira um fiapo ou dois ou até mesmo dez a depender do tamanho da pausa da espera do tédio e do casaco blusa ou calça, eu mesma devo ter arrancado pelo menos uns duzentos e quarenta e dois fiapos da coberta, talvez até mesmo trezentos e dezesseis, mas vamos considerar a estimativa mais conservadora afinal sou uma mulher um pouco lenta, o que é uma mentira porque sou é mesmo muito lenta, alguns diriam até mesmo lentíssima, tomo o tempo que tenho e o que não tenho em atividades sem finalidade alguma, talvez até haja um arquivo meu na CIA tamanho meu perigo ao capitalismo eficientista, passo todo o meu tempo a usar o máximo de tempo possível em atividades inúteis como contar quantas pintas eu tenho no meu cotovelo esquerdo, nenhuma, ou então a imaginar os fiapos que arranquei e já nem existem mais quer dizer ainda existem mas estão numa sacola de lixo misturada a outros lixos de outras pessoas, talvez inclusive a outros fiapos de outras casas num grande encontro de tufos num lixão qualquer, que eu aliás nem sei para onde vão esses objetos todos que já estiveram assim tão próximos de mim me cobriram no frio me foram muito úteis me serviram tanto e eu descartei tudo joguei tudo fora e onde é que vai tudo isto, onde vão os fiapos todos e será que ficam de conversinha com os fiapos dos outros, é um tema que apenas conjecturo e que não passo muito tempo

a pensar, coisa de três vezes a cada doze dias, ou dezenove horas num bimestre, ou cento e setenta vezes num ano bissexto, e agora de cabeça faço um cálculo rápido mas muito lentamente e penso que se eu, quer dizer, a máquina, arrancou duzentos e quarenta e dois fiapos daria uma média de 1,8 fiapos por minuto se eu passei duas horas e catorze minutos nesta minuciosa tarefa, e agora assim quando olho a estatística me parece certamente uma projeção conservadora e que arranquei muito mais do que isso, talvez tenha sido mesmo trezentos e dezesseis ou então dezoito, mas fatos são fatos e eu não estou aqui inventando nada, apenas faço suposições muito levianas e imaginárias com base em sensações reais, ou seja, só estou aqui falando verdades, e a verdade é que embora eu seja entusiasta da melhoria em geral dos aparelhos domésticos seria muito chato se alguém me emprestasse um retirador de fiapos muito potente e silencioso numa performance porque parte da graça de se fazer uma ópera barroca contemporânea em que se retiram tufos em palco é que o barulhinho da máquina confere uma dinâmica à ação toda, porque como eu já disse não é um barulho exatamente constante e igual, o motorzinho com suas lâminas dá uns pequenos saltos tipo assim uns *glomp* em meio aos *bizzzz* que é quando sabemos que um borboto foi de fato engolido e deglutido pela máquina, então o *glomp* é um barulho necessário porque sabemos que a máquina está sim a funcionar a todo o vapor, quero dizer, a toda a pilha, pois esta que tenho usa duas pilhas tamanho AA, ou talvez três AAA já não me lembro mas não importa, e talvez eu tenha de trocá-las na próxima vez que eu for arrancar fiapos, inclusive seria lindo se acabasse a pilha no meio da peça, um grande e inesperado silêncio após uma infinidade de *bizzzz* e *glomp* e *bizzzzzzzzzz* e *glomp* que é seguido por uma frustração seguido por uma tensão que acumula neste que é o ápice da presente noite de estreia do estrondoso *talk show* de mim comigo mesma que produzo escrevo dirijo apresento e assisto, o grande momento que é o improviso e a busca por pilhas novas, eu por acaso sei onde estão as pilhas na casa onde eu moro, tanto as grandes quanto as menores, há umas seis unidades de AA e umas nove de AAA ainda na embalagem laranja na segunda prateleira de baixo para cima da estante do quarto, mas teria de deixar sempre umas à mão algures no cenário para que eu pudesse trocá-las durante o monólogo caso seja necessário, e se o for, que este pequeno contratempo de súbito silêncio não impeça o decorrer fluido e orgânico das palavras de uma mulher que tem muito a dizer, muitíssimas coisas, e todas de grande importância no mundo dos tufos e fiapos variados, não tenho dúvidas que este sermão de liturgia circense seja capaz de reunir inúmeros fãs pelas cidades onde vai passar na sua digressão pelo país, de modo que a ação toda de fato tem mesmo de ter aproximadamente dezesseis minutos e meio que foi o quanto demorei originalmente, mas neste

tempo não se esqueça que está inclusa uma pausa para quem quiser tomar três copos de uísque assim como eu fiz, ou então também escrever uma peça infantil neoshakespeariana assim como eu também fiz, e tudo isto se passou numa sexta-feira agitadíssima mas não vejo impedimentos para que a ação decorra numa segunda-feira, numa terça ou até mesmo domingo, que talvez seja o dia mundial de retirar tufos de tecidos meio usados simplesmente porque também é o dia mundial do tédio doméstico, porque apesar de haver milhares de distrações neste mundo contemporâneo, a maioria delas convenientemente está localizada não numa coberta bege mas sim numa tela retangular e colorida e muito difícil de olhar para quem tem hipermetropia, o que não é o meu caso porque tenho miopia e um bocadinho de astigmatismo, razão pela qual várias vezes peguei a cobertinha e o tirador de fiapos e levei bem perto do olho, inclusive quase arrancou um cílio meu sem querer, para tentar ver toda a ação bem de pertinho, além de toda a real composição de um tufo, coisa que até então me passou totalmente despercebida e era um mistério para mim que nunca tinha de fato reparado num borboto sequer, e pensava menos ainda na própria ação empreendida pelo aparelho, coisa que na verdade sigo sem conseguir de fato analisar porque a própria máquina esconde o seu mecanismo e deixa pessoas curiosas como eu apenas imaginando o que de fato acontece por dentro do misterioso e eficiente equipamento desborbotizante, mas felizmente tenho a capacidade de pelo menos tentar visualizar tudo isso, o que os otários de hipermetropia não conseguem porque só conseguem ver de longe, e quem é que segura uma coberta ou uma máquina de retirar fiapos de longe para outra pessoa ver, talvez, talvez, talvez a única possibilidade seria o tal do espectador hipotético do monólogo que hipoteticamente traria sua máquina para o teatro, e aí poderíamos hipoteticamente imaginar uma performer com hipermetropia a observar de longe o espectador coincidentemente também a retirar tufos e justamente por ser longe e ter hipermetropia a pessoa ser capaz de ver toda a ação em detalhe, e seria mesmo bonito presenciar um ato de conexão aleatória e sincera entre duas almas através do mesmo ato da mesma máquina do mesmo desejo de arrancar fiapos, algo que só o teatro proporciona, mas também só a hipermetropia e o tédio doméstico, que neste caso seria tédio performático porque se passa no contexto artístico por se tratar de um canto gregoriano inteiro em si bemol, uma performance realmente fascinante e muito dinâmica, com espaço para a contemplação e para a partilha de curiosidades sobre um ato tão importante tão invisibilizado tão fulcral na conservação das estruturas sociais e domésticas que é o de tirar fiapos do cobertor com o qual se cobre o corpo todas as noites, espero que fique tudo muito macio e este espetáculo de circo contemporâneo seja um grande sucesso, meus parabéns muito obrigada.

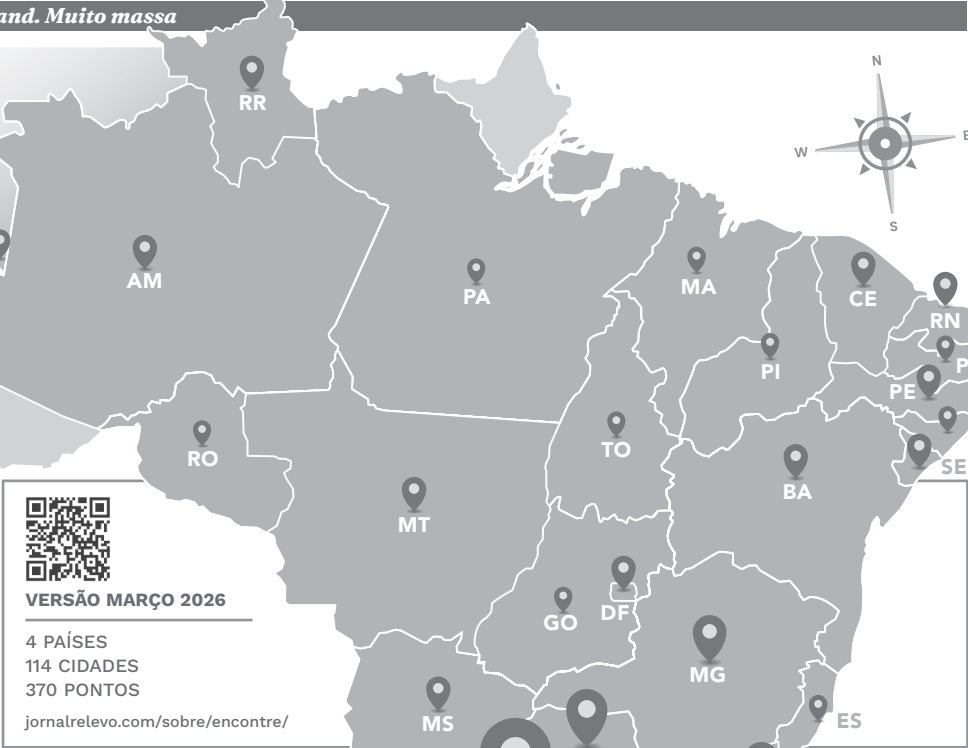
Não sei decidir qual é meu disco favorito do King Gizzard, esse mês ouvi muito o Polygondwanaland. Muito massa

Pontos de distribuição do Jornal Relevo

<i>Alagoas</i>
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim
<i>Amazonas</i>
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Édipoeira
<i>Bahia</i>
JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escariz
<i>Ceará</i>
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
<i>Distrito Federal</i>
BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
<i>Espírito Santo</i>
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
MARATAÍZES
Marítimo Restaurante e Lounge Bar
<i>Goiás</i>
GOIÂNIA
Livraria Palavrear
<i>Maranhão</i>
SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária
<i>Mato Grosso</i>
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store
<i>Mato Grosso do Sul</i>
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
Sebo Café Leitura
<i>Minas Gerais</i>
BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Maranta Livraria
Domus Brasilis Livraria
Maru Café Especial
Livraria Plural
Sabiá Livros
Samsara Espaço Esotérico
<i>Pará</i>
BELÉM
Rede Amazônia Literária
<i>Paraíba</i>
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
SOLÂNEA
Binário Café
<i>Paraná</i>
ANTONINA
Livraria da Barca
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora El Grano
Porão Cavallo Baio

COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava
CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Ao Distinto Cavalheiro
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asteristico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bardo Tatara
Bar do Dante
Bar Invasão do Teatro
Bar Makiolka
Bar Otelo
Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Bondinho de Leitura da XV
Botanique Oásis
Brains Coworking
Brise Bar
Café & Confeitaria Avenida
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Demoiselle
Café Encantado
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Lisboa
Caffê Per Tutti Centro
Caffê Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Casa Pagu
Casa Portfolio
Cataia Bar
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Cordelo Café
CS Doce e Café
D'House
Dalat Café
EH Brewing CO.
Empório Kaveh Kanes
Estação Chelsea
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Fabrika Pães & Café
Fingen Café
Five Lab
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Gisele Farias Estética Avançada
Go Coffee Água Verde
Grân's Café
Grimm Haus Sebo & Livraria
Inked Café
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
La Belle Époque
Le Caffes Especiais
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria do Chain
Livraria Vertov
Love City
Lupita Bistrô Bar
Lynk Gastrô
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Mad Jack Beer Lab
Madi Cafeteria e Empório
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Café
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
Nex House
Novo Café do Teatro
O Pensador Bar
Oba Sebo e Livraria
Ópera Garden Café
Ostra Bêbada
Pão Prosa
Padaria América
Pango Café & Bar
Páprica Vegan
Passoio Café e Arte
Provence Boulangerie
Purple Reis
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Savarin Music
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro

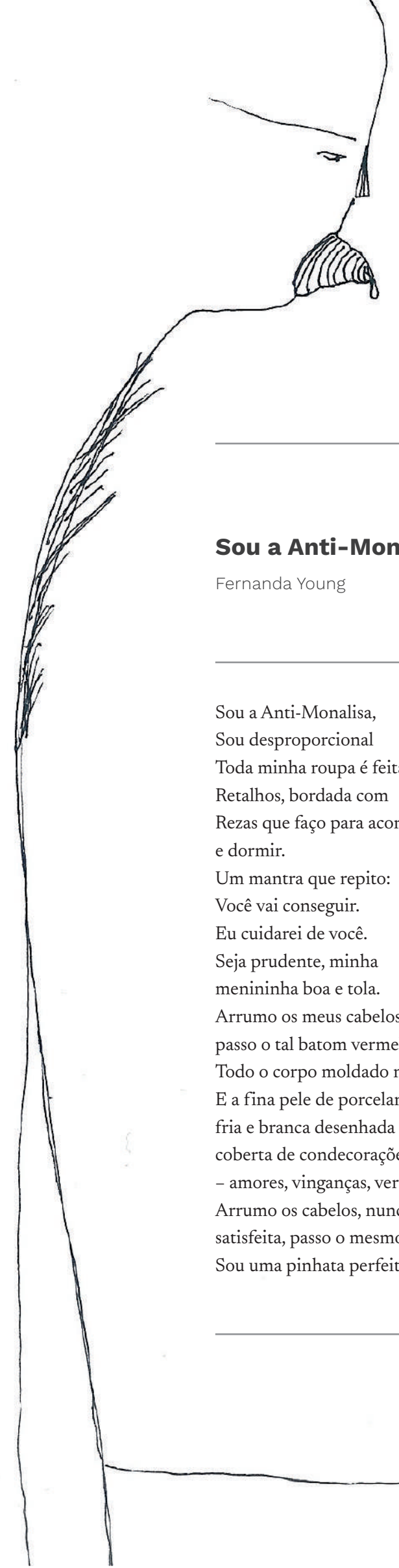
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Supernova Coffee Roasters
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guaiara Comunicação
Teatro José Maria Santos
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Tijolo CWB
Tumi Café
Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Vicafé
Viva la Vegan
Waamo Bar
FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
Europa Bar
Livraria Kunda
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
Olga A Livraria da Cidade
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde
<i>Pernambuco</i>
PETROLINA
Café de Bule
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste
Casa Mendez
Livraria da Praça
Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez
<i>Piauí</i>
TERESINA
Café Quatro Estações
<i>Rio de Janeiro</i>
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NOVA FRIBURGO
Dona Emilia Books
Jenipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária
Comunitária Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café
Casa 11 Sebo e Livraria
Casa Marx
Jacaré Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Prefácio
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triuno Livraria



TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping
Livraria Flamingo
<i>Rio Grande do Norte</i>
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária
<i>Rio Grande do Sul</i>
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria
CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Brasa Editora Livraria e Bar
Café & Galeria Devora
Cirkula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Nerdz
Rede Beabab
Sebo Fulô
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM
SANTANA DO LIVRAMENTO
Ponto do Livro
<i>Rondônia</i>
CAÇOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
<i>Roraima</i>
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café
<i>Santa Catarina</i>
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Acaia Café
ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
CAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete
JOINVILLE
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
LAGUNA
Livraria Coruja Buraqueira
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria

SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria
VALINHOS
Livraria Armazém
<i>São Paulo</i>
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio
CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Sabiá Discos
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulivros
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
PENÁPOLIS
Arcana Sebo e Taverna
PIRACICABA
Sebo do Formiga
RIBEIRÃO PRETO
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO BERNARDO DO CAMPO
Mandú Café
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatui
Bar Balcão
Bibla
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co
Casa Brasilis
Casa Cosmos
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria
Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Flanarte Livraria
Instituto Sarath
LiteraSampa - IBEAC
La Libreria
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraibas
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Selecta Livros
Sissi Café Boutique
sobinfluência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo
<i>Sergipe</i>
ARACAJU
Livraria Escariz
<i>Tocantins</i>
PALMAS
Sebo da Vovó
<i>Além das fronteiras</i>
PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)
Tao Libreria de Iguazú
LETICIA (COLOMBIA)
CUBO Blanco Galeria de Arte & Café Cultural
RIVERA (URUGUAI)
Eclipsamor Libros



Sou a Anti-Monalisa

Fernanda Young

Sou a Anti-Monalisa,
Sou desproporcional
Toda minha roupa é feita de
Retalhos, bordada com
Rezas que faço para acordar
e dormir.
Um mantra que repito:
Você vai conseguir.
Eu cuidarei de você.
Seja prudente, minha
menininha boa e tola.
Arrumo os meus cabelos e
passo o tal batom vermelho.
Todo o corpo moldado na disciplina
E a fina pele de porcelana
fria e branca desenhada
coberta de condecorações
– amores, vinganças, versos—
Arrumo os cabelos, nunca
satisfeita, passo o mesmo batom vermelho.
Sou uma pinhata perfeita, jamais uma monalisa.

Como é ser uma garota

Madonna
Tradução de Fernanda Young

Garotas podem usar calça comprida e cabelos curtos
Podem usar camisetas e shorts porque não tem
Nada de mais parecer com um garoto.
Mas um garoto parecer com uma garota é humilhante.
Porque vocês pensam que ser uma garota é humilhante,
embora secretamente vocês queiram saber como é, não é?
Como é ser uma garota?
Suaves como seda, lábios doces como balas.
Uns jeans justinhos, uma pele que entrega a idade.
Fortes por dentro, mas, você sabe, boas meninas não se
revelam.
Quando vocês abrem as suas bocas para falar,
Vocês são capazes de mostrar alguma fraqueza?
Vocês...
Vocês sabem...
